

**Geraldo Antônio Balbuena de Araújo**

**Aproximações e Distanciamentos entre a Carta Testemunha do  
Tarô Terapêutico – Método Pramad – e as Funções Psicológicas**

**Instituto Centro Oeste de Educação e Pesquisa  
Faculdade de Ciências da Saúde de São Paulo  
2008**

Geraldo Antônio Balbuena de Araújo

**Aproximações e Distanciamentos entre a Carta Testemunha do  
Tarô Terapêutico – Método Pramad – e as Funções Psicológicas**

Monografia apresentada à FACIS/IBEHE  
como requisito parcial para obtenção do  
título de especialista em Psicologia  
Junguiana

Instituto Centro Oeste de Educação e Pesquisa  
Faculdade de Ciências da Saúde de São Paulo  
Brasília (DF)  
2008

## RESUMO

Este trabalho trata de duas diferentes formas de abordagem que têm como foco identificar características gerais que se destacam e são comuns nas personalidades dos indivíduos, possibilitando, assim, a segmentação em grupos – tipos de personalidade – para fins de análise, segundo as concepções e premissas adotadas por essas teorias. São visões que, a princípio, têm origens distintas, seus criadores se valeram de experiências empíricas e embasamentos teóricos que não estavam alinhados em sua gênese aparente. Apesar das estruturações divergentes – e por isso induzir a imediata e prematura conclusão de total impossibilidade de sobreposição entre as teorias –, esta pesquisa procura explicitar aproximações entre elas e busca também apontar quais os pontos de referência que são comuns às duas abordagens. Destaca, por outro lado, que mesmo dentro dos mesmos referenciais, os enfoques das duas concepções podem ainda ser diferentes. Este estudo recorre, principalmente, ao legado junguiano que estruturou as quatro funções da consciência e às conclusões de Veet Pramad sobre as 16 possibilidades de Cartas Testemunha do Tarô Terapêutico, que representam diferentes tipos de personalidade.

**Palavras-chave:** Tarô Terapêutico. Carta Testemunha. Funções da Consciência. Psicologia Analítica.

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE FIGURAS</b> .....	4
<b>LISTA DE TABELAS</b> .....	5
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	6
<b>Capítulo I – A SINCRONICIDADE E O ESOTÉRICO</b> .....	11
<b>Capítulo II – A ORIGEM DO TARÔ</b> .....	13
<b>Capítulo III – CROWLEY E O TARÔ</b> .....	17
<b>Capítulo IV – O TARÔ TERAPÊUTICO – MÉTODO PRAMAD</b> .....	22
<b>Capítulo V – AS FIGURAS DA CORTE COMO CARTA TESTEMUNHA</b> .....	28
<b>V.1 – A Escolha da Figura da Corte como Carta Testemunha</b> .....	30
Cavaleiro de Paus.....	33
Rainha de Paus.....	34
Príncipe de Paus.....	35
Princesa de Paus.....	36
Cavaleiro de Copas.....	37
Rainha de Copas.....	38
Príncipe de Copas.....	39
Princesa de Copas.....	40
Cavaleiro de Espadas.....	41
Rainha de Espadas.....	42
Príncipe de Espadas.....	43
Princesa de Espadas.....	44
Cavaleiro de Discos.....	45
Rainha de Discos.....	46
Príncipe de Discos.....	47
Princesa de Discos.....	48
<b>Capítulo VI – AS FUNÇÕES PSICOLÓGICAS</b> .....	50
<b>Capítulo VII – APROXIMAÇÕES ENTRE AS DUAS TIPOLOGIAS</b> .....	55
<b>VII.1 – A Questão do Quatérnio e a Associação com os Elementos</b> .....	55
<b>VII.2 – Similaridades</b> .....	57
<b>Capítulo VIII – DISTANCIAMENTOS ENTRE AS DUAS TIPOLOGIAS</b> .....	59
<b>CONCLUSÃO</b> .....	62
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	64

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Disposição das Cartas na leitura do Tarô Terapêutico	24
Figura 2	Mapa Astrológico Natal – Exemplo	32
Figura 3	Cavaleiro de Paus	33
Figura 4	Rainha de Paus	34
Figura 5	Príncipe de Paus	35
Figura 6	Princesa de Paus	36
Figura 7	Cavaleiro de Copas	37
Figura 8	Rainha de Copas	38
Figura 9	Príncipe de Copas	39
Figura 10	Princesa de Copas	40
Figura 11	Cavaleiro de Espadas	41
Figura 12	Rainha de Espadas	42
Figura 13	Príncipe de Espadas	43
Figura 14	Princesa de Espadas	44
Figura 15	Cavaleiro de Discos	45
Figura 16	Rainha de Discos	46
Figura 17	Príncipe de Discos	47
Figura 18	Princesa de Discos	48
Figura 19	Configuração cruciforme das Funções Psicológicas	54

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Relações entre as Figuras da Corte e os elementos da natureza	28
Tabela 2	Possibilidades de associações entre as Figuras da Corte e os Naipes	29
Tabela 3	Correspondência percentual de influência dos planetas no Mapa Astrológico Natal	31
Tabela 4	Cálculo para definição da Carta Testemunha – Exemplo	32
Tabela 5	Características das quatro Funções Psicológicas	52
Tabela 6	Relações entre as Figuras da Corte, os elementos da natureza e as Funções Psicológicas	56

## INTRODUÇÃO

Este trabalho terá como objeto de estudo as teorias – ou parte delas - desenvolvidas por dois homens, Carl Gustav Jung e Veet Pramad. Saliente-se que em nenhum momento tem-se a pretensão de traçar um paralelo competitivo entre as suas obras e contribuições, até porque são caminhos e vivências diferentes. Cabe, sim, relativizar e procurar pontos onde essas teorias se tocam ou se afastam.

Carl Gustav Jung foi um psiquiatra suíço que desde tenra idade já buscava respostas para os mistérios que envolvem a psique. Em sua inércia na busca de conhecimento navegou e, muitas vezes, mergulhou em águas que lhe ampliassem a visão sobre os temas que lhe eram trazidos em sua prática psicanalítica. Bebeu em várias fontes, na filosofia (Kant, Schopenhauer, Nietzsche, dentre outros), na religião, nos mitos, na astrologia, na alquimia e na física moderna. Foi discípulo de Freud, que o queria como sucessor. Da sua prática e suas pesquisas, trouxe e/ou adaptou para a psicologia analítica vários conceitos, tais como, arquétipos, enantiodromia, sincronicidade, *self* etc. Escreveu vários livros e a obra que vai ser âncora para esse trabalho é Tipos Psicológicos que aborda os diversos tipos de personalidade.

Veet Pramad é tarólogo, filho de pais espanhóis, nasceu em Casablanca, Marrocos. Aos oito anos retornou à Espanha. Em 1977, começou sua viagem pelo mundo – Paquistão, Índia, Nepal, Tailândia, Suíça, México, Brasil, Guatemala, Nicarágua, Colômbia, Peru, Bolívia. Durante sua peregrinação, foi iniciado pelos *shadus* (monges peregrinos shivaístas), conheceu seu mestre (Bagwan Rajneesh – Osho), foi músico, estudou astrologia e filoterapia. Na cidade de Locarno, Suíça Italiana, descobriu o Tarô e desde então se dedicou a aprofundar seus estudos e pesquisas sobre o assunto até desenvolver uma visão inovadora sobre esse oráculo – Tarô Terapêutico, uma ferramenta de autoconhecimento, que esclarece e ajuda a

resolver os padrões de comportamento que dificultam a realização integral do ser humano. Pramad radicou-se em Brasília por vários anos, escreveu alguns livros, publicados em espanhol e português, e o livro *Curso de Tarô e seu uso terapêutico* será também base para esse trabalho. Neste ano, 2008, mudou-se para Espanha.

A teoria junguiana – e a própria experiência do Jung – considera os vários tipos de oráculos como uma forma de manifestação do mundo não racional, do campo intuitivo, enfim, do inconsciente.

Os conceitos de Jung dão abrigo, consistência e explicação a esses tipos de abordagens, sejam elas preditivas ou terapêuticas (sem a intenção de prever o futuro). O próprio Jung dedicou parte de seu tempo de estudo ao *I Ching* – oráculo chinês.

Corroborando com a afirmativa acima, sobre a afinidade da teoria junguiana e a linguagem simbólica dos oráculos, Sallie Nichols – aluna de Jung no Instituto de Zurique – correlaciona a jornada do ser humano em direção à sua essência com a viagem através dos arcanos maiores do Tarô em seu livro *Jung e o Tarô – Uma Jornada Arquetípica*.

Paulo Ruby (1998), psicoterapeuta junguiano e escritor, fazendo referência ao trabalho de Edinger, relaciona as quatro funções da consciência, segundo a psicologia analítica, com os quatro elementos da natureza – função sentimento com o elemento Água; pensamento com o Ar; intuição com o Fogo; e a sensação com a Terra.

O leitor do Tarô na sua interpretação – seja ela com a pretensão preditiva ou terapêutica – vale-se, mesmo que sem o conhecimento acadêmico, de vários conceitos ou elementos utilizados pela psicologia analítica, tais como, arquétipo, mito, inconsciente pessoal e coletivo, sombra, sincronicidade e complexos.

A estruturação desse trabalho pretende contribuir para que o leitor tenha uma noção seqüencial e de encadeamento entre os assuntos. De início, aborda-se a Sincronicidade, teoria de Jung que dá um sentido psicológico aos oráculos de modo geral, incluindo o Tarô. Foram incluídos, também, capítulos que falam da origem do Tarô e um breve relato sobre a vida de Crowley – criador do Tarô de Toth, baralho utilizado no Método Pramad. Esses capítulos dão uma visão histórica da evolução do Tarô e da controversa personalidade de Aleister Crowley.

O método utilizado por Veet Pramad na leitura do tarô para fins terapêuticos – que é objeto de um capítulo a parte – se vale de todos os conceitos junguianos



mencionados acima. Nesse capítulo é explorada a abordagem do Método Pramad, de forma a subsidiar cada vez mais o leitor de informações que serão importantes para o entendimento dos capítulos seguintes.

No Tarô Terapêutico, nomenclatura utilizada por seu idealizador – Veet Pramad –, existe uma peculiaridade que o aproxima de outro conceito junguiano: Funções Psicológicas.

Pramad representa o consulente no jogo do Tarô Terapêutico com uma carta – uma das 16 Figuras da Corte: Cavaleiro, Rainha, Príncipe e Princesa, sendo uma família de quatro cartas por naipe (Paus, Copas, Espadas e Discos). Essa carta é chamada de Carta Testemunha e é objeto de outro capítulo que detalha a metodologia utilizada para sua definição, bem como as características das personalidades das possíveis Cartas Testemunha. Essa figura tem em sua composição elementos da natureza que influenciam em suas características.

A seguir, é inserido um capítulo que abordará as funções psicológicas – suas características e configuração.

Note-se que até então o trabalho se apresenta informativo – objetivando embasar a linha de raciocínio para os próximos três capítulos, incluindo a conclusão.

Nas próximas duas partes, são destacados aspectos em que as teorias se aproximam e aspectos em que as teorias se distanciam. Esses são os pontos altos do trabalho.

Merece menção o fato de que quando foi relacionada a Carta Testemunha que representa este autor, Rainha de Discos, com o resultado do seu teste Quati (Questionário de Avaliação Tipológica), função principal, sensação; função auxiliar, sentimento, a inferência imediata foi provocativa. A Carta Testemunha traz as mesmas relações com os elementos da natureza que preponderam no teste, ou seja, o naipe de Discos está relacionado com o elemento terra, assim como a função sensação; e a Rainha está relacionada com o elemento água, assim como a função sentimento. Este fato deixou este autor motivado a elaborar a presente pesquisa sobre esta correlação e investigar em que proporção o padrão se repete.

Cabe destacar que o trabalho não pretende abordar as atitudes psicológicas, segundo Jung (introvertida e extrovertida), pois a Carta Testemunha não aprofunda a este ponto e o Tarô Terapêutico não tem essa pretensão. O escopo do trabalho está restrito ao comparativo das características das possibilidades de Carta Testemunha e as Funções Psicológicas.

A Carta Testemunha utilizada pelo método Pramad é fruto de um estudo empírico e fenomenológico e em nenhum momento menciona a tipologia de Jung – até porque se vale de 16 tipos de personalidade, diferentemente da psicologia analítica. Porém em algumas situações – como a exemplificada acima com a Carta Testemunha deste autor – podem existir saberes convergindo para um mesmo referencial de caracterização da personalidade.

Essa possibilidade de sobreamento de saberes – de métodos tão distintos, embora com o mesmo fim: identificar aspectos gerais que caracterizam as pessoas – desafia a pesquisa sobre o assunto. Dessa forma contribui com a sábia assertiva de que as respostas mais esclarecedoras são oriundas de saberes matriciais, minimizando, assim, o reducionismo.

Este trabalho tem por objetivo identificar aspectos convergentes e divergentes entre as quatro funções psicológicas da psicologia analítica e as 16 possibilidades de Carta Testemunha do Tarô Terapêutico, partindo-se da premissa de que em alguns pontos existem convergências. Para atingir esse fim, navega-se pelas duas concepções – de Jung e de Pramad –, trazendo as características gerais de ambas, no que diz respeito à tipologia, possibilitando que sejam destacados os pontos em que as teorias se espelham ou se aproximam e os pontos onde não há eco entre as duas abordagens.

O conhecimento do tipo de personalidade, tanto em um consultório psicológico, como em uma leitura das cartas do Tarô Terapêutico, é bastante importante para ambos os “exploradores da psique” – o terapeuta e o tarólogo –, pois permite que sejam utilizados alguns pressupostos gerais, considerando as características do tipo de personalidade, que facilitam a jornada terapêutica.

Jung afirma, no sentido de estabelecer alguns critérios mínimos para caracterizar uma tipologia psicológica:

Minha profissão obrigou-me desde sempre a levar em consideração a peculiaridade dos indivíduos e a especial circunstância de que ao longo dos anos – não sei quantos – ter que tratar de inúmeros casais ligados pelo matrimônio e ter que torná-los plausíveis um ao outro, homem e mulher, enfatizou mais ainda a obrigação e necessidade de estabelecer certas verdades médias. (1991, p. 490).

Pramad (2004, p. 217) declara “Quando escolhemos a carta a partir do mapa, temos uma excelente compreensão da personalidade do consulente mediante a Carta Testemunha”. Também é uma tentativa de levantar um pouco do véu que cobre a alma do desconhecido que está à frente do tarólogo.

Antes de Pramad, Aleister Crowley – idealizador do Tarô de Thoth – (2000, p. 145) faz o seguinte comentário sobre as Figuras da Corte: “Pode-se dizer resumidamente que qualquer dessas cartas constitui um retrato da pessoa cujo Sol, ou cujo signo ascendente em sua natividade, caia dentro da atribuição Zodiacal da carta”. Crowley está se referindo as cartas que o Tarô Terapêutico utiliza como Carta Testemunha.

Embora se valham de métodos diferentes para identificar o tipo de personalidade, as abordagens em alguns momentos podem chegar a resultados similares.

Com essa breve visão panorâmica sobre este trabalho, sublinha-se a sua intenção de traçar um paralelo entre as duas teorias citadas, quanto à tipologia, e destacar pontos de convergência e divergência entre elas.

Este trabalho tem como base a pesquisa bibliográfica.

## Capítulo I – A SINCRONICIDADE E O ESOTÉRICO

Com efeito, Jung com base em sua ampla pesquisa incumbiu-se de conceder aos temas esotéricos e ocultistas – e neles se inclui o Tarô – uma oportunidade de se manifestarem e revelarem cada qual seu estilo peculiar de sabedoria. Seus estudos convergiam para um entendimento de que existe, no inconsciente, uma espécie de conhecimento ou presença de acontecimentos, sem qualquer base causal, que pode ser chamado de “conhecimento do inconsciente”, ou dar abrigo a assertiva mais ousada ainda de que a psique carrega dentro de si todas as respostas necessárias.

O interesse de Jung pelos vários tipos de métodos e preceitos esotéricos baseava-se na sua percepção aguçada de que, de algum modo obscuro, eles expressavam o “subterrâneo” das experiências humanas. Eles se manifestam de uma maneira cifrada (em códigos), não devem ser apreendidos literalmente, sua linguagem é simbólica e não pode ser compreendida de forma direta. Eles possibilitam uma visão da realidade interna, mas de uma forma indireta. São verdadeiros enquanto percepções simbólicas de uma dimensão da realidade que só pode ser alcançada indiretamente.

Com base na análise desses temas Jung iniciou o desenvolvimento da sua teoria sobre a sincronicidade – coincidências significativas sem qualquer base causal. Saliente-se que buscou embasamento também na física moderna, com a ajuda de seu amigo e colaborador, o físico Wolfgang Pauli.

Questionando a ciência – na qual causa e efeito, certezas e leis são perenes e também tempo e espaço são axiomas absolutos – a física moderna trouxe novos referenciais: tempo e espaço são relativos e os pressupostos do indeterminismo e da incerteza.

A sincronicidade, na sua definição mais restrita, é o encontro de um evento psíquico e de uma situação física correspondente, isto é, constituída de dois fatores: 1) uma imagem inconsciente alcança a consciência de maneira direta (literalmente) ou indireta (simbolizada ou sugerida) sob a forma de sonho, associação, fantasia ou premonição; 2) uma situação objetiva coincide com este conteúdo.

Com o intuito elucidativo, pode-se trazer o exemplo relatado pelo próprio Jung quando, em 1949, realizava pesquisas sobre o peixe como símbolo do si-mesmo. Naquela ocasião aconteceram, em torno de 24 horas, várias situações que evidenciavam uma “conspiração do universo” para a continuidade dos seus estudos, tais como, o sonho relatado por uma antiga paciente no qual aparecia um peixe; o desenho de peixes trazidos por outra antiga paciente que há muito não a encontrava; foi-lhe mostrado um bordado com a figura de um monstro marinho em formato de peixe; e, ele próprio, encontrou um peixe à beira do lago Zurique, em um local onde já havia estado por diversas vezes em um curto espaço de tempo sem tê-lo notado anteriormente.

Esses tipos de acontecimentos corroboram com a afirmativa de que existe *a priori* um conhecimento do inconsciente. Esse conhecimento está assentado em fundamentos arquetípicos e revelam sua natureza como fenômenos sincronísticos, ou seja, como partes individuais de um esquema que se formou no decorrer do tempo, centralizando-se em torno de um fator arquetípico que atrai todos os outros tipos de fatores para sua órbita.

Leibniz na sua teoria da monadologia – sendo a mônada uma parte individual e única, inter-relacionada com todas as outras e, além disso, contém a imagem do modelo universal dentro de si – corrobora com o entendimento de que existe um conhecimento imanente no universo (ou no inconsciente), pois, vez ou outra, o macrocosmo se manifesta no microcosmo em forma de eventos sincronísticos. Tudo e todos estão interligados – harmonia preestabelecida (ou Tao para os chineses).

É nesse contexto que os oráculos ganham vida para a psicologia profunda. Eles buscam acessar esse chamado “conhecimento do inconsciente” – que não é limitado pelo tempo e espaço – de forma a apreender seus símbolos e imagens e entender os eventos sincronísticos que ocorreram ou estão aguardando o momento adequado para se manifestar. Dentre esses oráculos, cita-se o Tarô, cuja origem será abordada no próximo capítulo.

## Capítulo II – A ORIGEM DO TARÔ

Popularmente conhecido como “cartas de ler a sorte”, “cartas ciganas”, o Tarô é um oráculo que, na maioria das versões, possui 78 cartas que se dividem em dois grupos principais. Os Arcanos Maiores compõem-se de 22 duas cartas distribuídas em seqüência – do um, O Mago, ao 21, O Universo (alguns estudiosos consideram a carta O Louco como representando o zero, outros como sendo o 22). As 56 cartas que restam são tidas como Arcanos Menores, as quais se subdividem em quatro séries ou naipes, que possuem, respectivamente, símbolos que as caracterizam e as diferenciam entre as séries ou naipes (Bastões ou Paus, Copas, Espadas, Discos ou Ouros).

Existem muitas hipóteses sobre a origem do Tarô – e muitas fantasiosas. Não existe consenso sobre seu surgimento. Muitos estudiosos afirmam que a dificuldade de se saber concretamente a origem do Tarô deve-se aos incêndios das bibliotecas de Alexandria 48-47 a.C., depois, no ano de 391 e mais tarde pela sua destruição total no século XII.

Há algumas suposições que lhe atribuem o nascimento em terras egípcias, chinesas ou indianas. Outras afirmam que o Tarô foi inventado pelos ciganos e que eles o levaram à Europa, vindos da Ásia Central.

Cogita-se também que o Tarô encontrava-se bastante difundido entre os árabes por ocasião das Cruzadas, tendo sido levado à Europa pelos cavaleiros europeus que retornavam do combate aos mouros. Em pleno conflito religioso, era evidente que não se aceitariam cartas com motivos orientais e de pseudo alusão a algo totalmente desconhecido. Então, as cartas receberam uma roupagem adaptativa aos costumes ocidentais da época.

Em 1377, um monge alemão chamado Johannes escreveu em Brefeld, Suíça, uma carta que se conserva no Museu Britânico, na qual comentava que um jogo de

cartas havia chegado até eles naquele ano e que continha quatro Reis, cada um sentado num trono real e levando um símbolo na mão.

O primeiro baralho do qual se conservam as cartas foi obra do artista francês, Jacquemin Gringonneur, para a coroa francesa, tal como consta nos livros de registros contábeis do tesoureiro do rei Charles IV, em 1392. Foram confeccionados em ouro e outras cores, três jogos dos quais se conservam apenas 17 cartas na Biblioteca Nacional de Paris.

Em 1415, encontrava-se em Veneza um Tarô de 78 cartas – na mesma disposição dos encontrados atualmente.

O Tarô florentino, também daquela época, consta de 97 cartas, sendo 56 Arcanos Menores e 41 Arcanos Maiores, desses últimos, 17 da seqüência clássica, 12 signos zodiacais, os quatro elementos e as virtudes cristãs.

Por volta de 1600, começa-se a fabricar em Marselha um tipo de baralho – o Tarô de Marselha – um dos mais velhos desenhos que hoje em dia ainda se encontram à disposição.

Todos esses baralhos eram impressos usando-se carimbos de madeira. A partir do século XVI começaram a ser feitos por máquinas.

Corurt de Gebelin, pastor da Igreja Reformada, ocultista e arqueólogo francês resgatou o Tarô para as elites da intelectualidade européia. Em 1781, editou um ensaio em nove volumes: O Mundo Primitivo Analisado e Comparado com o Mundo Moderno. No primeiro volume ele fala sobre o Tarô, convencido de que havia sido inventado no Antigo Egito. Gebelin faleceu em 1874, deixando como legado um baralho muito parecido com o de Marselha.

Ainda no século XIX, Alphonse Luis Constant, mais conhecido como Eliphas Levi, em seu livro Dogma e Ritual de Alta Magia, concluiu pela vinculação entre os 22 Arcanos Maiores e as 22 letras do alfabeto hebraico, as quais estruturam a Árvore da Vida. Afirma-se que Eliphas Levi teve acesso a certos manuscritos que o teriam colocado em contato com a tradição gnóstica perdida – o que embasou suas conclusões.

Outro destacado estudioso do Tarô foi Gerard Encause, ou Papus, médico francês, Rosacruz e fundador da ordem maçônica dos Martinistas, apresentou a conclusão de seus estudos em seu livro O Tarô dos Boêmios. Com base no Tarô de Gebelin, Papus criou um baralho contendo motivos de inspiração egípcia e seguindo

a vinculação dos Arcanos com as letras hebraicas, conforme exposto por Levi em *Dogma e Ritual de Alta Magia*.

Uma fraternidade com sede na Inglaterra, *Golden Dawn* (Aurora Dourada), fundada em 1886, também proporcionou aprofundamento de estudos sobre o Tarô. A *Golden Dawn* tinha por finalidade promover aos seus integrantes a obtenção da iluminação e do poder mágico. Dentre os pertencentes à fraternidade, destacam-se Arthur Edward Waite – criador do Tarô de Waite –, o poeta irlandês William Butler Yeats, a pintora Pamela Colman Smith, Lady Freda Harris, Bram Stoker – autor de *Drácula*, os cabalistas Paul Foster Case e Dion Fortune, e Aleister Crowley. – criador do Tarô de Crowley, também chamado Tarô de Thoth, que são cartas utilizadas pelo Método Pramad, Tarô Terapêutico, que serviu de base para este estudo. Sobre Crowley, sua trajetória e as peculiaridades que levaram a criação do seu Tarô, serão abordados com mais detalhamento no próximo capítulo.

Atualmente, muitos baralhos vêm sendo trazidos ao conhecimento – característica de princípio de uma era de busca do oculto e também, em seu oposto, do consumismo exagerado do que parece ser diferente.

Outros Tarôs que se pode destacar, hoje em dia, são o Tarô de Aquário, o de Babi, o de Robert Wang, o Tarô Mitológico – de Juliet Sharman-Burque e Liz Green –, o *Mother Peace* e o Tarô Egípcio, que tem a disposição tradicional dos Arcanos Menores desfeito, seguindo a numeração a partir do 23 até o 78. Destaca-se também o Osho Zim Tarô, fruto do trabalho de Ma Deva Padma (Susan Morgan), publicado em 1994, juntamente com seu livro.

Pramad faz uma consideração sobre o Tarô envolvendo conceitos junguianos:

O Tarô é a expressão plástica de arquétipos universais, presentes no inconsciente coletivo da humanidade, que aparecem, de uma maneira ou de outra, quando homens e mulheres, especialmente intuitivos conseguem captá-los. (PRAMAD, 2004, p. 49)

Nichols (1997, p. 22) diz que “parece evidente que essas velhas cartas foram concebidas no mais fundo das entranhas da experiência humana, no nível mais profundo da psique humana. É para esse nível em nós mesmos que elas falarão.”

Outro aspecto a destacar-se é que o Tarô é puro simbolismo, isto é, ele fala a linguagem que emerge do inconsciente. Suas cartas apresentam figuras, desenhos,



signos dotados de significado simbólico de tipo quase sempre universal. Foi essa característica que atraiu para o Tarô as atenções de muitos estudiosos sérios, como Carl Gustav Jung.

### Capítulo III – CROWLEY E O TARÔ

É importante contemplar nesse trabalho um rápido relato sobre a trajetória de Crowley (1875 – 1947), pois muito de sua história veio para o Tarô idealizado por ele e pintado por Lady Frieda Harris (1877 – 1962) e é com base nessa “obra de arte” que Pramad desenvolve o seu método.

Aleister Crowley, cujo nome verdadeiro era Edward Alexander Crowley, nasceu em 12/08/1875, em Warwickshire na Inglaterra, e faleceu em 01/12/1947.

O clima familiar onde cresceu o menino Edward não era nada harmonioso e piorou ainda mais quando seu pai faleceu – pois era por ele que Crowley tinha mais afeto e creditava mais admiração. As brigas com a mãe, cristã fanática, eram constantes. Quando criança, quanto aprontava uma das suas rebeldias – característica que marcou sua vida inteira – sua mãe, por muitas vezes o chamou de “a besta 666”, que deu origem a um dos pseudônimos que Crowley adotou quando fez parte da mítica ordem iniciática Goldem Dawn: A Besta do Apocalipse.

Após o que Crowley chamou de “a infância no inferno”, ele foi entregue ao seu tio e tutor. Viveu sob pressão até ir estudar em Cambridge. Nessa época, liberto das amarras familiares, Crowley, com seu jeito irreverente, contestador e rebelde, começou a deixar a marca de sua passagem no mundo. Envolvido com variados estudos que remetiam a tempos antigos e mistérios filosóficos, começou a ler sobre magia.

Aleister Crowley se dedicou a várias atividades: mago, escritor, poeta, montanhista, pintor e enxadrista. Escreveu sobre Tarô, Qabalah, magia, astrologia, simbolismo e mitologia. Estudou, além desses assuntos, literatura, grego, hebraico e latim. Foi ferrenho opositor ao Cristianismo, bem como a toda e qualquer religião ou movimento político dogmático. Na criação de seu Tarô, em algumas cartas, fica evidente tal oposição. Profetizou apaixonadamente o fim do Cristianismo,

proclamou-se anticristo e, por fim, até se tornou preconizador de uma nova era. Em virtude desses posicionamentos, de não perder oportunidade de se tornar impopular, de sua vida boêmia e liberal, Crowley, por onde passava, deixava muitos inimigos e poucos admiradores.

Em 1900, foi nomeado líder da ordem *Golden Dawn*, apesar da oposição de membros mais antigos. Comenta-se que William Yeats havia dito que uma ordem iniciática não era um reformatório para lunáticos, explicitando sua rejeição a Crowley. A verdade é que Crowley não só era indiferente com o desconforto que causava nas pessoas, como chegava mesmo a provocá-lo.

Muito empenhado em seus estudos alternativos e heterodoxos, em julho de 1900 viaja ao México com o objetivo de se comunicar com entidades espirituais do mundo asteca nas pirâmides de Teotihuacán. Em 1901, parte para o Sri Lanka onde se dedica à prática do loga, pranaiama e dos mantras, até viver uma forte experiência espiritual, conhecida no oriente como *dhyana* e descrita por Crowley (PRAMAD, 2004, p. 46) “como a união entre o sujeito e o objeto da meditação, numa explosão de música e luz, muito superior a qualquer harmonia terrena”.

Sua exploração continuou pela Índia e Birmânia, onde realizou estágios com os budistas. Em 1902, liderou uma escalada ao K-2 no Himalaia.

A expedição que mais diretamente interessa a este trabalho diz respeito à sua viagem ao Cairo, no Egito, em 1904, onde foi passar a lua-de-mel com sua companheira Rose Edith Kelly e retoma o trabalho de magia, invocando Thoth, Iao e Hórus – deuses do panteão egípcio.

No dia 18 de março, Rose, que não era interessada em ocultismo, afirma ter recebido uma mensagem, que Crowley intuiu, pela descrição, como sendo de Hórus. A mensagem os leva ao museu de Boulak, onde Rose reconhece o mensageiro, dentre várias imagens de Hórus, uma que está dentro de uma caixa de vidro, sob a forma de Ra-Hoor-Khuit. Curiosamente, o número de registro dessa figura era 666, número da Besta do Apocalipse, nome iniciático que Crowley usava naquela época.

Segundo Crowley, durante três dias, ele recebeu a mensagem que anunciava uma nova lei para a humanidade (PRAMAD, 2004, p. 47), cujas premissas eram: “A lei é o amor, o amor sob vontade” e “Fazer a própria vontade é a totalidade da lei”. Esses pilares inspiraram o estudioso a escrever *O Livro da Lei*.

Após a revelação no Cairo, segundo Heyss (2006, p. 22), toda a produção intelectual e artística de Crowley voltou-se para divulgar a mensagem recebida,

conservando, contudo, o sarcasmo cortante em sua maneira de expor idéias e pesquisas. Muitos o condenavam por falar abertamente sobre temas-tabus na esfera do esoterismo, tais como Paganismo (com seus rituais regados a sexo e/ou drogas), loga (particularmente o Tantra, modalidade vinculada ao sexo ritualístico) e Qabalah. A essas críticas ele replicava com o lema da Ordem Iniciática que veio a fundar, a A. . A. . (*Argenteun Astrum*): “O método da Ciência, a intenção da Religião”. Essa assertiva queria dizer que a ciência não pode abrigar dogmas, portanto, qualquer restrição que parta de preceitos religiosos é inválida, ao passo que o sentimento religioso é inerente ao homem.

Afirma-se, também, que Crowley foi escolhido para liderar uma ordem de origem germânica, O.T.O. (*Ordo Templi Orientis*), cujos rituais e ensinamentos eram baseados na magia sexual. Como não poderia deixar de ser, houve uma divisão entre os membros da O.T.O. que aceitavam sua liderança e suas idéias (que tinham como referencial O Livro da Lei, o qual ele impunha como base do ensinamento) e os que não lhe creditavam legitimidade.

Em contato com Lady Freda Harris, Crowley desenvolveu seu principal legado, principalmente para os estudiosos do Tarô: a elaboração de um Tarô para a Era de Aquário, que trouxesse para esse oráculo uma síntese de seu conhecimento, de seus estudos e de tudo que ele havia tido contato até então. Em seus últimos cinco anos de vida, se dedicou arduamente a escrever O Livro de Thoth, o qual explana cada um dos símbolos contidos nas cartas.

De 1938 até 1943, Frieda pintou em óleo, sob direção de Crowley, as 78 cartas. A princípio, ele tinha a intenção de criar um baralho com imagens seguindo a tradição dos modelos medievais, mas Frieda não se sentiu muito inspirada com aquele estilo, pois não traria o sentido futurista à mensagem. Ela conseguiu convencer Crowley a conceber suas idéias inovadoras dentro de outro estilo, mais original. No Tarô de Crowley (ou O Tarô de Toth, como também é conhecido), foram incorporados conceitos e simbologias que tem origem na Numerologia, Astrologia, Mitologia, Qabalah e nos quatro elementos da natureza (Fogo, Água, Ar e Terra).

Algumas alterações são bem objetivas, porém carregadas de intenção, no Tarô de Crowley, por exemplo, a Papisa e o Papa voltam a ser a Sacerdotisa e o Hierofante; a Força foi rebatizada como “o Tesão” (Crowley se identificava muito com essa carta); a Justiça passou a ser “o Ajustamento”; a Roda da Fortuna passa a ser conhecida resumidamente como “Fortuna”; a Temperança e o Julgamento

passaram a se chamar “a Arte” e “o Aeon”, respectivamente; e o Mundo chamou-se então “o Universo”. Crowley não considerava esta renomeação uma mudança, mas, antes, um resgate do sentido original dos Arcanos.

A mudança fundamental ocorreu com o Arcano chamado o Aeon (nos demais baralhos, chamado o Julgamento). Ele mostrava o milagre da ressurreição no dia do Juízo Final. No entendimento de Crowley, esse tema pertence a Osíris, a era dos deuses auto-sacrificados, que já caminham para o final. A sua nova carta, o Aeon, representa o nascimento da Era de Hórus – correspondente a nova era, Era de Aquário –, a qual se aproxima e que tem Hórus como senhor de novo Aeon.

Para cada Arcano Maior foi atribuído uma correspondência astrológica (planeta ou signo zodiacal), deduzida a partir da atribuição da carta com a letra hebraica. Outra inovação trazida por Crowley foi que cada uma das cartas dos Arcanos Menores, com exceção dos Ases, recebe uma dupla atribuição astrológica, isto é, cada carta se relaciona com um planeta e um determinado signo zodiacal, sendo que as cartas de Paus, com os signos de Fogo; as de Copas, com os de Água; as de Espadas, com os de Ar; e os de Discos, com os de Terra. Outra característica que marca os Arcanos Menores é que cada carta recebeu um nome, porém seu significado e simbolismo vão muito além do nome.

Mais uma peculiaridade do Tarô de Thoth é nova denominação das Cartas da Corte (cujo conteúdo será aprofundado mais adiante neste trabalho). O Rei passa a se chamar Cavaleiro; a Rainha continua como Rainha; o Cavaleiro, Príncipe; e o Pajem passa a ser a Princesa. A configuração é matriarcal e não patriarcal, como na maioria dos Tarôs.

Alguns, no mundo artístico, que explicitaram seu interesse por Crowley e/ou pelos seus estudos foram Paulo Coelho e Raul Seixas, no Brasil; Ozzy Osbourne (que compôs uma música chamada Mr. Crowley); Jimmy Page do Led Zeppelin (comprador, na década de 1970, da antiga Abadia de Cefalu, na Sicília, que era o templo utilizado por Crowley para trabalhos ritualísticos até sua expulsão da Itália); os Beatles (Crowley é um dos homenageados na capa do histórico Sgt. Peppers Lonely Hearts Club Band, por sugestão de John Lennon); David Bowie (sua música “Quicksand” começa com os versos “Estou em frente à Golden Dawn usando o uniforme de Crowley”). Era natural que a irreverência de Crowley despertasse o interesse e a curiosidade de pessoas também com essas mesmas características marcantes.

Apesar, ou por ser, uma pessoa polêmica, que passou a vida questionando e irritando o senso comum, Crowley brindou o mundo com sua obra de arte – 78 cartas cheias de riquezas para aqueles exploradores do que não tem fim, do que contém possibilidades do inconsciente – o simbolismo do Tarô de Thoth.

## Capítulo IV – O TARÔ TERAPÊUTICO – MÉTODO PRAMAD

Atualmente, o Tarô é utilizado com duas finalidades totalmente diferentes e antagônicas que são a adivinhatória ou futuroológica e a de autoconhecimento. Enquanto a linha adivinhatória tenta conhecer o futuro, a proposta para o autoconhecimento tem a intenção de auxiliar o ser humano na busca de respostas as suas inquietações internas. Seguindo a linha do autoconhecimento, Pramad desenvolveu seu trabalho – O Tarô Terapêutico – a partir de 1987.

O Tarô Terapêutico tem por objetivo sintonizar o indivíduo com a sua essência, identificar e ajudar a resolver bloqueios, medos e padrões de comportamento que o dificultam na difícil saga da sua realização plena. Para o Tarô Terapêutico, o referencial não está nos fatos e circunstâncias, mas no indivíduo que os experiencia.

O Método Pramad utiliza-se de cinco premissas:

1. o ser humano é responsável pela sua vida e pelas suas decisões. Atribuição não delegável;
2. as decisões são tomadas a partir das crenças e padrões de comportamento;
3. o principal obstáculo para a realização plena é o próprio indivíduo, por meio da resistência em alterar as crenças e os padrões de comportamento que não servem ao propósito evolutivo;
4. o ser humano atrai o que precisa para crescer; e
5. cada ser carrega em seu íntimo todos os potenciais necessários para realizar-se em todos os aspectos e ser feliz.

O Tarô Terapêutico difere-se da visão adivinhatória, principalmente em três aspectos:

1. O Destino: na visão preditiva ou futuroológica, o indivíduo (ou consultante) é reduzido a espectador da sua própria vida. Tudo já está definido, nada pode ser

mudado. Para o Tarô Terapêutico, o futuro é uma consequência das escolhas que o indivíduo faz na sua caminhada;

2. A Responsabilidade: para o Tarô adivinhatório, o indivíduo é irresponsável, pois está preso a um destino, ao qual não pode mudar e também não tem responsabilidade sobre ele. A sua vida é reflexo de fatores externos que intervêm e a modificam para melhor ou para pior. As coisas acontecem sem, necessariamente, existir um sentido de aprendizado como fim. Segundo a visão terapêutica, o ser humano é responsável pela sua vida e decisões e deve parar de projetar nos outros a responsabilidade (ou culpa) pelo que lhe acontece.
3. O Bem e o Mal: esses dois conceitos não são verdades absolutas. O tarólogo que realmente pretende ajudar ao seu consultante a curar sua alma, não pode trabalhar com verdades absolutas ou doutrinas. Essa abordagem, via de regra, não é considerada pelo Tarô adivinhatório, que geralmente toma emprestado seus conceitos de bem e mal das religiões oficiais, sem relativizá-las, doutrinando ainda mais seus consultantes e dificultando-os que sejam eles mesmos.

No jogo de Tarô, como foi visto anteriormente, existem dois grupamentos de cartas – Arcanos Maiores e Arcanos Menores. Porém, Pramad cria outro grupo, subtraindo dos Arcanos Menores: As Figuras da Corte ou cartas da Realeza, que simbolizam 16 tipos de personalidades e serão objetos de aprofundamento em capítulo específico.

Dessa forma, os 22 Arcanos Maiores são arquétipos ou idéias universais presentes no inconsciente coletivo e que se atualizam com a evolução da humanidade.

Os 40 Arcanos Menores representam expressões da vida cotidiana em quatro aspectos: os de paus (Bastões) ou de Fogo mostram como o consultante expressa sua energia, abrangendo principalmente o mundo profissional, contemplando também as manifestações instintivas; os de Copas ou de Água mostram o estado emocional; os de Espadas ou de Ar indicam como está a mente, mais ligada aos pensamentos e seus mecanismos mais habituais; e finalmente os Discos (Ouros) ou de Terra que dizem respeito da relação com o corpo físico e com o mundo material em geral.

O Tarô Terapêutico se propõe a ir além das velhas formas de leitura, colocando o centro da questão na autotransformação do ser – questionando os



padrões de comportamento, sistemas de crenças, bloqueios e medos que travam a evolução e acena com potencialidades a serem desbravadas.

Com esse propósito, Pramad desenvolveu seu método, com a disposição das cartas baseada na tradicional Cruz Celta. São dez cartas dispostas em dez posições, além da Carta Testemunha – em amarelo no exemplo abaixo e que será objeto de especial abordagem no próximo capítulo. As cartas vão assumindo a ordem abaixo, conforme vão sendo retiradas do baralho.

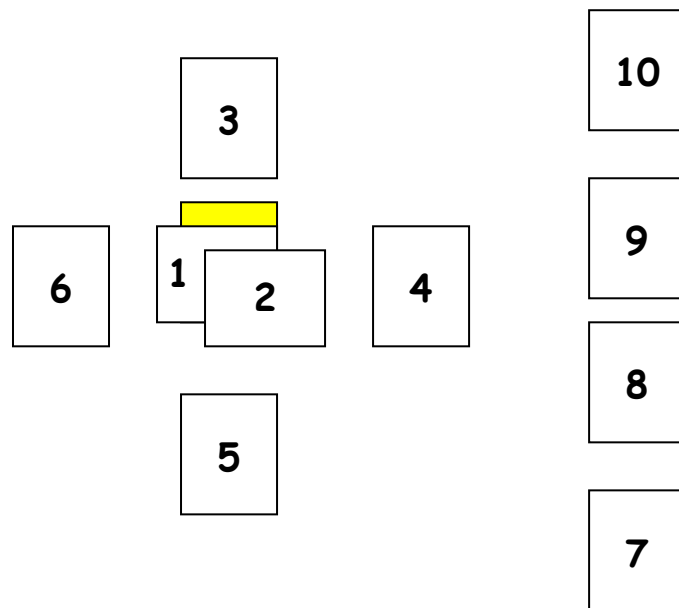


Figura 1

- 1 e 2 => Momento Atual
- 3 => Resultado Interno
- 4 => Âncora
- 5 => Método
- 6 => Caminho de Crescimento
- 7 => Necessidade Interna
- 8 => Relacionamentos
- 9 => Infância
- 10 => Resultado Externo

Cada posição aborda um tema e dependendo da carta que é colocada em cada posição o tema ganha um colorido, um significado carregado de simbologia da carta. As dez posições nominadas acima pretendem trazer para a mesa os seguintes conteúdos:

**Momento Atual:** as cartas que estão na posição um e dois representam o momento atual. Elas mostram o momento em que a pessoa está vivendo, as questões internas, o que está mobilizando-a, fatores que estão dificultando ou facilitando sua evolução, conflitos internos pelos quais ela está passando, o assunto ou tema que está vindo à superfície para trazer um significado diferente. Às vezes, uma das cartas traz um gancho com a âncora (posição que veremos a seguir), em outras, uma carta complementa a outra do momento atual, depende, também, da disposição das outras cartas.

**Âncora:** essa posição mostra uma característica do consulente que é recorrente e que dificulta a sua evolução. Na leitura terapêutica, essa posição é chamada de âncora em analogia ao que prende o barco ao fundo do oceano (na psicologia junguiana, o oceano pode ser considerado como o inconsciente). No caso do consulente, seria o aspecto mais sombrio da sua personalidade que está influenciando diretamente no momento presente. São os padrões de comportamento repetitivos que lhe levam a um círculo vicioso – quando existe uma situação que “puxa o gatilho”, a resposta psíquica do consulente é automaticamente a mesma. Enquanto não houver a conscientização desse aspecto sombrio, o padrão tende a se repetir infinitamente. Está bem próximo do conceito de complexo da psicologia analítica. Em outros casos, pode ser uma máscara adaptativa por meio da qual o consulente se esconde – do mundo e/ou de si. Nesse último aspecto, lembra o arquétipo da *persona*. Essa carta é um dos principais referenciais para a leitura, pois traz à tona uma peculiaridade da personalidade do consulente que é um dos principais obstáculos para sua evolução.

**Infância:** na leitura terapêutica, essa posição procura resgatar alguns traumas ou programações da fase infantil que podem estar potencializando os aspectos sombrios da âncora e, conseqüentemente, influenciando no momento atual que o consulente está passando. Como são aspectos inconscientes, podem estar ainda manipulando o consulente. Pode trazer situações em que a criança teve que se adaptar para ser aceita ou receber carinho ou, até, características do ambiente onde esta criança se desenvolveu.

**Relacionamentos:** faz referência ao mundo dos relacionamentos e traz à mesa como está a relação afetivo-sexual mais importante ou a maneira como o consulente se relaciona e as atitudes que adota para ser aceito e aprovado. A imagem que passa quando está a procura de um(a) parceiro(a).

**Necessidade Interna:** traz as necessidades, de caráter interno, mais urgentes do consulente. É um grito de socorro do consulente para ele mesmo. É um chamado do *self*, solicitando atitudes do consulente que sejam coerentes com a sua essência, sua realidade interior. Atitudes que lhe tragam equilíbrio. Essa posição alerta o consulente para fazer um movimento de neutralização da unilateralidade da âncora. Pode-se dizer que o recado que vem nessa posição é um “dever de casa” para o consulente.

**Método:** nessa posição, o Tarô é mais específico quanto às atitudes a seguir para ir desmontando os bloqueios da âncora, agir em consonância com sua essência, desenvolver e fortalecer a individualidade do consulente. Essa carta é o complemento da posição ‘Necessidade Interna’. Pode-se afirmar que a ‘Necessidade Interna’ alerta para *o que* deve ser feito e o ‘Método’ sugere *como* deve ser feito.

**Caminho de Crescimento:** traz a possível trajetória do consulente, se ele fizer o movimento indicado nas posições ‘Necessidade Interna’ e ‘Método’. Pramad (2008, p. 65) diz que “é o caminho que está por detrás da porta que o consulente abre com as chaves do ‘Método’ e as manhas da ‘Necessidade Interna’ e da ‘Âncora’”. É importante salientar que são possibilidades e não certezas. As cartas negativas que surgem nessa posição indicam que o consulente está tomando consciência do padrão que estas cartas mostram e está começando a mudar.

**Resultado Interno:** representa os potenciais que foram resgatados e/ou os medos e bloqueios que foram superados. É como o consulente poderá se sentir internamente após a conclusão desse processo pelo qual está passando. Ressalte-se que foi dito ‘poderá’.

**Resultado Externo:** traz as possibilidades de atitudes ou posicionamentos do consulente frente ao mundo. Como poderá se movimentar a partir da conscientização dos seus comportamentos recorrentes que obstaculizam sua realização, bem como após as escolhas que rompem o círculo vicioso.

A forma como Pramad sugere a utilização do Tarô se assemelha, guardada as devidas peculiaridades e proporções, a uma abordagem de um psicoterapeuta. Quando um paciente procura o terapeuta, relata suas queixas, e inquietações – são os sintomas. No Tarô Terapêutico, pode-se identificar essas questões por meio das cartas que são tiradas para a posição do ‘Momento Atual’.

As queixas e as inquietações têm uma raiz inconsciente. A função do psicoterapeuta é facilitar a conscientização desses conteúdos, de forma a torná-los

reconhecidos e, na medida do possível, integrados. No Tarô Terapêutico, esses conteúdos vão aparecer na posição da 'Âncora', reforçados pela carta que foi colocada na posição da 'Infância'. Os conteúdos inconscientes simbolizados nessas duas posições influenciam tanto o 'Momento Atual', como a posição dos 'Relacionamentos'. Para o Tarô Terapêutico as dificuldades e as inquietações não têm causas externas, mas sim no íntimo do consulente.

Na psicoterapia, quando o paciente reconhece seus conteúdos inconscientes e começa se movimentar ao encontro de sua essência e adotar mecanismos que minimizam as inquietações internas, as potencialidades são desvendadas e ficam à disposição do indivíduo. De forma semelhante, o Tarô possibilita algo correlato ao consulente por meio das cartas dispostas nas posições da 'Necessidade Interna' e 'Método'. As possibilidades potenciais ficam expostas nas cartas colocadas nas posições do 'Caminho de Crescimento' e dos 'Resultados'.

Outro aspecto que aproxima uma sessão de Tarô Terapêutico ao enfoque psicoterápico é a participação ativa do consulente na sessão. O tarólogo se vale das cartas para ajudar o consulente, por meio de assertivas e questionamentos, a construir um significado particular daquele jogo para a sua vida. Em uma sessão de Tarô, que dura em média uma hora e meia, duas horas, o consulente fala tanto ou mais que o próprio tarólogo.

Outra questão relevante também que o tarólogo deve considerar na leitura do Tarô e interpretação das cartas é o tipo de personalidade que caracteriza o consulente, que está representado na mesa pela Carta Testemunha – uma das 16 Figuras da Corte que mais se aproxima, segundo o Método Pramad, aos aspectos gerais da personalidade do consulente.

## Capítulo V – AS FIGURAS DA CORTE COMO CARTA TESTEMUNHA

As Figuras da Corte ou Cartas da Corte, tradicionalmente consideradas como Arcanos Menores, no Método Pramad são consideradas uma ligação entre os Arcanos Maiores e os Arcanos Menores. Essas cartas resultam das combinações dos quatro elementos – Fogo, Água, Ar e Terra. O elemento combina com ele mesmo e com os outros três ( $4 \times 4 = 16$ ).

Cada Figura da Corte (independentemente do naipe, que será tratado a seguir) possui uma relação com um dos elementos, sendo: Cavaleiro com o elemento Fogo; Rainha, com a Água; Príncipe, com o Ar; e a Princesa com o elemento Terra.

Da mesma forma, cada naipe tem uma relação com um elemento: Paus com o elemento Fogo; Copas, com a Água; Espadas, com o Ar; e Discos com o elemento Terra. Como em cada um dos quatro naipes existem as quatro Figuras da Corte, as combinações resultam em 16 tipos de personalidades, como vai ser visto adiante.

O esquema abaixo demonstra resumidamente essas relações:

Fogo	Cavaleiros	Paus	Energia
Água	Rainhas	Copas	Emoção
Ar	Príncipes	Espadas	Intelecto
Terra	Princesas	Discos	Matéria

Tabela 1

Considerando-se essas atribuições, tanto para as cartas, quanto para os naipes, pode-se resumir as 16 possibilidades de combinações na tabela a seguir:

	Cavaleiro	Rainha	Príncipe	Princesa
Paus	Fogo + Fogo	Fogo + Água	Fogo + Ar	Fogo + Terra
Copas	Água + Fogo	Água + Água	Água + Ar	Água + Terra
Espadas	Ar + Fogo	Ar + Água	Ar + Ar	Ar + Terra
Discos	Terra + Fogo	Terra + Água	Terra + Ar	Terra + Terra

Tabela 2

Na concepção do Tarô Terapêutico, a Tabela 2 mostra 16 tipos de personalidade. Cada Figura da Corte (ou personalidade) está formada por um aspecto mais profundo, o qual se passa a chamar de Natureza Interna e um aspecto externo, ou seja, como se relaciona com o mundo, o qual se chama de Expressão Externa. A Natureza Interna é determinada pelo Naípe (Paus, Copas, Espadas ou Discos) e a Expressão Externa é definida pela figura (Cavaleiro, Rainha, Príncipe ou Princesa). A título de exemplo, pode-se afirmar que a Rainha de Discos possui a Natureza Interna prática, voltada para a matéria (Discos), e sua Expressão Externa é emocional (Rainha).

Fogo e Ar são princípios masculinos e Água e Terra são princípios femininos. Em linhas gerais, o equilíbrio é decorrente da conjunção harmônica dos princípios masculinos e femininos. Dessa forma, as cartas com maior tendência ao equilíbrio são aquelas compostas por um elemento masculino e outro feminino – Príncipe de Discos, Princesa de Espadas, Cavaleiro de Copas e Rainha de Paus. Nesta mesma perspectiva, as cartas com maior propensão ao desequilíbrio são aquelas onde se repete o elemento – Cavaleiro de Paus, Rainha de Copas, Príncipe de Espadas e Princesa de Discos.

Para ilustrar, podemos afirmar que a família de Paus é diferenciada na predominância dos instintos, dinamismo, valentia e idealismo, impulsividade, determinação; a família de Copas é emocional, receptiva e sensível; a família de Espadas é mental, interessada na elucubração mental, idéias, teorias e conhecimentos - guarda distâncias das pessoas e acontecimentos; a família de Discos é conectada com o corpo físico e o mundo material. Seus componentes são práticos e realizadores, interessados em resultados concretos.

O predomínio de determinados elementos ou a sua falta dão às Figuras da Corte uma forma peculiar de ver o mundo, enfrentar as diferentes situações da vida – sua capacidade funcional.

As personalidades (cartas) que não possuem Fogo na sua composição têm uma autoconfiança menor. Seus entusiasmo e otimismo são mais comedidos. Os desafios podem assustar. Têm mais dificuldade para dizer não e se submetem a terceiros com maior facilidade. Falta-lhes energia instintiva e espiritual.

As personalidades que não possuem Água têm mais dificuldade para entrarem em contato com seus sentimentos e necessidades emocionais, bem como entender os sentimentos alheios. Possuem tendência a serem frias, sérias e reservadas.

As personalidades com falta do elemento Ar têm dificuldade para refletir a respeito de si mesmas e a respeito da vida. Apresentam resistência para digerir novas idéias ou novas pessoas, principalmente aquelas que lhe parecem ser muito intelectuais. Podem ter reações abruptas frente a idéias que não aprovam. Têm falta de perspectiva e sua visão, conseqüentemente, se torna fragmentada. Possuem dificuldade em elaborar projetos.

As personalidades com escassez de Terra podem ignorar as exigências do corpo físico e as necessidades para a sobrevivência no mundo material. Podem se sentir deslocadas, sem adequação a estrutura social. Têm dificuldade em encontrar trabalho para se sustentar e às vezes recorrem a caminhos alternativos para superar as limitações do mundo material, tais como da imaginação e da espiritualidade. Falta senso prático e com freqüência são distraídas.

### **V.1 – A Escolha da Figura da Corte como Carta Testemunha**

A Carta Testemunha é uma ponte entre as cartas que serão dispostas na mesa de uma sessão de Tarô Terapêutico e o consulente. A escolha recai sobre a Figura da Corte (personalidade) que mais se aproxime com as características do consulente.

O Método Pramad se vale da predominância dos elementos (Fogo, Água, Ar e Terra) no mapa astrológico natal do consulente. Cada planeta participará de uma forma diferenciada na constituição da personalidade, segundo o esquema a seguir:

Planeta	% de Participação
Sol	16%
Lua	15%
Ascendente	14%
Mercúrio	12%
Vênus	11%
Marte	11%
Júpiter	6%
Saturno	6%
Urano	3%
Netuno	3%
Plutão	3%

Tabela 3

A conjunção dos planetas (e suas respectivas ponderações, conforme a Tabela 3) com os signos zodiacais, considerando a relação desses signos com os elementos Fogo, Água, Ar e Terra, possibilita identificar os dois elementos que mais predominam na personalidade do consulente. O elemento com maior percentual identificará o naipe e corresponderá à Natureza Interna. O segundo elemento preponderante definirá a Figura da Corte e corresponderá à Expressão Externa.

A título de exemplo, a seguir, demonstrar-se-á como acontece na prática a escolha da Carta Testemunha, valendo-se, primeiramente, do mapa astrológico natal e, após, a planilha para identificar quais são os dois elementos predominantes.



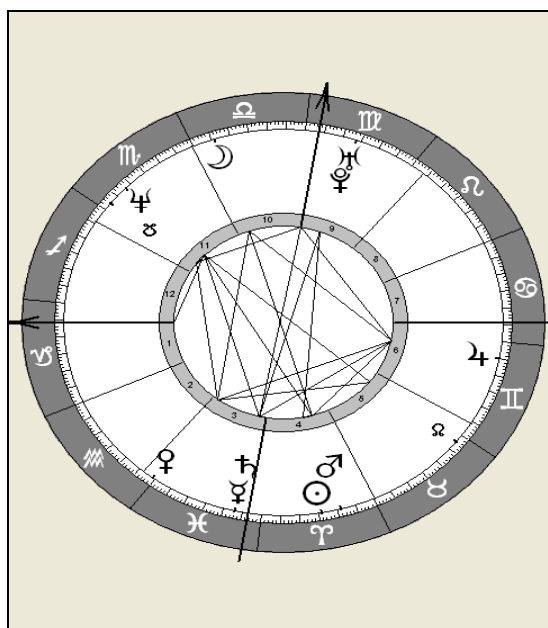


Figura 2

05/04/1966 - 23:00 h - Santo Antônio da Alegria (SP)											
Planeta	Signo	Carta Testemunha				Chek %	Desempate				
		Fogo	Água	Ar	Terra		Casa	Fogo	Água	Ar	Terra
Sol	ários	16	0	0	0	100		0	0	0	0
Lua	libra	0	0	15	0			0	0	0	0
Ascendente	capricórnio	0	0	0	14						
Mercúrio	peixes	0	12	0	0			0	0	0	0
Vênus	peixes	0	11	0	0			0	0	0	0
Marte	ários	11	0	0	0			0	0	0	0
Júpiter	gêmeos	0	0	6	0			0	0	0	0
Saturno	peixes	0	6	0	0			0	0	0	0
Urano	virgem	0	0	0	3			0	0	0	0
Netuno	escorpião	0	3	0	0			0	0	0	0
Plutão	virgem	0	0	0	3			0	0	0	0
total		27	32	21	20		100		0	0	0
Casas		0	0	0	0	0					
Total		27	32	21	20						

Carta Testemunha: Cavaleiro de Copas

Tabela 4

A predominância do elemento Água (32%) nesse consulente determina o naipe da Carta Testemunha – nesse caso, Copas –, sendo sua Natureza Interna. O Fogo (27%) é o segundo elemento que mais se destaca na sua personalidade, definindo a carta dentre as quatro figuras da realza – nesse caso o Cavaleiro – sendo sua Expressão Externa. A Carta Testemunha que representa esse consulente é o Cavaleiro de Copas.

Em caso de empate técnico, isto é, uma diferença igual ou menor a três pontos percentuais entre os dois elementos predominantes, é conveniente desempatar, observando a localização dos planetas nas casas do mapa natal,

considerando que as casas 1, 5 e 9 são de Fogo; as casas 2, 6 e 10, de Terra; as casas 3, 7 e 11, de Ar; e as casas 4, 8 e 12 são de Água.

Muito embora a escolha da Carta Testemunha a partir do mapa natal proporcione uma excelente possibilidade de compreensão da personalidade do consulente, a indisponibilidade do mapa não impede que a escolha da carta que o representará no jogo se dê a partir dos dados disponíveis, tais como, a posição do Sol (data dos nascimento) – o signo –, o Ascendente etc. O Sol poderá representar a Natureza Interna (o naipe) e o Ascendente, se for de conhecimento, representará a Expressão Externa (a figura da realeza – Cavaleiro, Rainha, Príncipe ou Princesa).

Crowley também fez relações entre as Figuras da Corte com a Árvore da Vida (Cabala), o Tetragramaton (nome de Deus em hebraico, composta por quatro consoantes Y, H, W e H – *Yod, He, Waw e He*) e o *I-Ching*, porém essa análise não fará parte deste trabalho.

A seguir, serão expostas as principais características das 16 Figuras da Corte (personalidades) que poderão representar o consulente como Carta Testemunha.

### **Cavaleiro de Paus**



Figura 3

O Cavaleiro de Paus, duas vezes Fogo, simbolizado na tocha que segura na mão esquerda e sua capa, encarna a impulsividade, a impetuosidade, a ferocidade, a velocidade e a espontaneidade. Em muitos momentos não dá continuidade as suas ações. Entre as suas qualidades não estão a perseverança, nem a capacidade à adaptação. No primeiro obstáculo, tende a desistir. Fazendo-se uma analogia, pode-se afirmar que o Cavaleiro de Paus é um fogo de palha – falta-lhe consistência e profundidade.

Sugere uma personalidade decidida, masculinizada, um tanto grosseira, brusca, orgulhosa e é incapaz de concluir o que começou. Pode ser uma pessoa paranóica, explosiva, autodestrutiva, malvada, cruel e intolerante. Carece de emoções (Água), sentido prático (Terra) e capacidade de reflexão para extrair aprendizado de seus atos (Ar).

As ausências dos elementos femininos Água e Terra fazem com que o processo de transformação ocorra de forma mais violenta.

### Rainha de Paus



Figura 4

A Rainha de Paus não é mais aquela explosão que caracteriza o Cavaleiro de Paus, pois possui em sua composição o elemento Água que suaviza e complementa o Fogo. É mais equilibrada, comparativamente à figura anterior, porém é altamente passional, sabe se entregar ao amor e é realmente uma amante fogosa. É gentil e generosa com seus amigos e perigosa com seus inimigos. Almeja o poder e é muito atraente aos olhos dos outros. Não se destaca pela sua elaboração intelectual (falta-lhe o elemento Ar). Os meios-terros e a oposição a impacientam. Usa o que tem para conseguir o que quer. Pode mostrar-se autoritária e severa, manipular e ameaçar.

Esta figura indica uma pessoa apaixonada, generosa, poderosa, franca e leal, mostra-se firme em suas iniciativas. Pode se tornar vaidosa, explosiva, exagerada, melodramática, apegada aos objetos de seu amor. Vive na ilusão das paixões e falta-lhe sentido prático.

### Príncipe de Paus



Figura 5

A energia desse Príncipe é canalizada para assuntos intelectuais. Sempre tem grandes projetos, nos quais se dedica por completo, ignorando seus próprios limites – em virtude da ausência do elemento Terra. É bastante orgulhoso com suas elaborações, o que se torna o seu ponto mais fraco – desejando ser adulado pelo seu destaque intelectual. Deprecia e demonstra autoritarismo e exploração para com aqueles que julga medíocres e mesquinhos. Usa suas elucubrações para inflar seu ego.

É uma pessoa criativa e entusiasta com suas idéias e projetos intelectuais, porém indecisa. Enxerga sempre ambos os lados de toda a questão, fator que pode levá-lo a se demorar nas escolhas. Não demonstra suas emoções e tem mais facilidade para encantar o público com seus projetos do que para colocá-los em prática.

### Princesa de Paus



Figura 6

A energia da Princesa se expressa como a erupção de um vulcão, isto é, desde o centro da Terra. Não é mais fogo de palha, é o fogo da forja do ferreiro, o

fogo que cria e constrói. Cria sua própria beleza por seu vigor e energia. A força de seu caráter impõe a impressão de beleza sobre quem a contempla. No ódio ou no amor ela é brusca, violenta e implacável. É brilhante e arrojada, ambiciosa e repleta de aspirações, cheia de entusiasmo, porém irracional.

Esta personalidade jamais esquece uma ofensa. É rancorosa e a única qualidade de paciência a ser encontrada nela é a de esperar para se vingar. Pode se tornar superficial e teatral, completamente falsa e sem se dar conta disso, pois é muito confiante em si mesma. São muito raros os contatos com suas emoções (Água) e os momentos de abstração (Ar).

### **Cavaleiro de Copas**



Figura 7

Nesta figura, as emoções são expressas de um modo feroso, impulsivo e às vezes até agressivo. É o amante, mas também a entrega ao amado. Sugere ser espontâneo e direto na expressão emocional. Pode mostrar carência emocional, que se esconde atrás das conquistas e relacionamentos superficiais.

As características são majoritariamente passivas. É afável, ágil para reagir à atração, tornando-se facilmente entusiasta sob tal estímulo, mas não é persistente. É sumamente sensível à influência externa, mas seu caráter carece de profundidade material. Pode se tornar ocioso, mentiroso e sensual. Apesar dessas variações, possui uma inocência e pureza que constituem a essência de sua natureza.

No conjunto, segundo Crowley (2000, p.152) o Cavaleiro de Copas é “tão superficial que é difícil alcançar essa profundidade. Seu nome é escrito na água.”

A vida de uma pessoa com essa composição pode ser marcada por fracassos e desastres, em virtude da dificuldade em harmonizar os elementos conflitantes. O abuso de estimulantes e narcóticos pode antecipar a catástrofe.

### Rainha de Copas



Figura 8

É caracterizada pela predominância do elemento Água (duas vezes Água), portanto representa a capacidade de recepção, assimilação e reflexão desse elemento.

Esta personalidade se mostra muito sensível, impressionável, sensitiva, receptiva e sentimental. Pode mostrar clarividência, mediunidade e misticismo. Pode ter a devoção como caminho espiritual. Em virtude da unilateralidade do elemento Água, há a possibilidade de se mostrar uma pessoa perdida e confusa em um mar de emoções, não conseguindo tomar iniciativas práticas. Acaba ocultando o que sente e o que quer e começa a manipular, geralmente adotando papel de vítima. Deprime-se e/ou somatiza facilmente.

Outras características que marcam esta carta são o sonho, ilusão e tranqüilidade. Ela pode ser capaz de receber e transmitir tudo sem que ela mesma seja afetada. Porém, se mal administrado o elemento Água, essas características se degradam e tudo que passar por ela será refratado e distorcido.

### Príncipe de Copas



Figura 9

Esta personalidade utiliza suas faculdades intelectuais para observar, entender e conceituar os mecanismos que regem suas emoções, dessa forma buscando ir ao encontro de sua verdade interior. Estabelece critérios e teorias a



respeito do funcionamento da sua psique. Esse estado de atenção o leva a desenvolver uma grande habilidade e sabedoria que pode se valer para a sua evolução e crescimento dos outros. Nesse sentido, pode representar um terapeuta, porém, desviando de seu caminho natural, existe a possibilidade de usar seus conhecimentos e habilidades para manipular os outros.

Outra variante dessa personalidade acontece quando a pessoa se utiliza da mente para controlar e reprimir as emoções – pensar antes de agir. De qualquer maneira, o enfoque bastante analítico e profundo, faz com que seja demasiadamente crítico consigo mesmo e, por projeção, com os outros também.

Esta carta pode representar uma pessoa sutil, com destreza e de violência reservada. Superficialmente, aparenta calma e imperturbabilidade, porém se trata de uma *persona* que esconde a mais intensa paixão. Não sente responsabilidade em relação aos outros e, embora suas habilidades sejam tão intensas, não se pode contar com essa pessoa para trabalhar sob a rotina de outrem.

### Princesa de Copas



Figura 10

Nesta carta não existe Ar, o pensamento não impera, a mente tornou-se receptiva, transformou-se em não-mente.

Ela cria por meio da expressão de suas emoções. Personaliza a sensualidade, a voluptuosidade e o amor que o artista deposita em suas obras. Essa carta é a artista do baralho de Crowley. Expressando seus sentimentos, sem guardar nada, vivendo criativamente, a Princesa mantém-se saudável, bonita, jovem pura e fiel a sua verdade. Concretiza suas emoções em todos os níveis, seja nos relacionamentos, seja na arte.

Uma pessoa com essa conjunção de elementos é graciosa, gentil, amável e terna. Sob uma ótica superficial pode transparecer egoísmo e indolência, mas é uma impressão falsa, pois de maneira silenciosa e fácil ela executa seu trabalho.

Uma personalidade como essa também pode viver em um mundo de fantasia, apartada da realidade cotidiana, usando seus atrativos para seduzir.

### **Cavaleiro de Espadas**



Figura 11

Esta carta é altamente influenciada pela sua parte fogaosa, de tal modo que perde a sua capacidade de reflexão e raciocínio e se joga desvairadamente em busca de seus objetivos e projetos. Transforma-se em puro impulso, que pode se perder no vazio, haja vista que não houve um momento prévio de abstração, ou, no pior dos casos, levar à autodestruição.

O Cavaleiro representa uma atitude de extrema exaltação da mente, porém, sem Água para suavizá-la, nem Terra para determinar seus limites ou dar-lhe certa base. Conseqüentemente, as atitudes do Cavaleiro de Espadas acabam sendo extremistas e excessivamente impulsivas, por vezes, caracterizando uma perda de contato com a realidade. Essa exaltação desconectada de emoção interna e da realidade material lembra os discursos de políticos, dos fanáticos religiosos, dos militares e demagogos em geral – de um fanático catequizador.

A pessoa sob essa convergência de elementos é impetuosa, delicada e corajosa, mas completamente escrava de suas idéias, as quais acolhe como uma inspiração, sem reflexão.

### **Rainha de Espadas**



Figura 12

Esta Rainha é a libertadora da mente. Sua energia está voltada para romper com velhas normas, doutrinas, preconceitos, padrões autoritários e machistas que governam a sociedade, em um nível predominante mental, dando novo direcionamento ao intelecto, que brota de suas experiências e do pulsar de seu coração. Firmemente enraizada em suas emoções e sensibilidade, impregna com elas a mente, questionando o que não concorda como sendo justo. Por outro lado, se sua percepção não se traduz em ações que lhe satisfaçam, poderá se transformar em uma frustrada extremamente crítica, manipuladora, argumentadora e chantagista.

A pessoa representada por essa carta deve ser intensamente perceptiva, uma arguta observadora, uma intérprete perspicaz, uma individualista intensa, ágil e precisa para registrar idéias; na ação, confiante; no espírito, benevolente e justa. Se essa energia for direcionada para fins não dignos, essa pessoa poderá se tornar perversa, dissimulada, não confiável e, desta maneira, muito perigosa devido à beleza e encanto aparentes que a distinguem.

### Príncipe de Espadas



Figura 13

Este Príncipe possui em sua composição duas vezes o elemento Ar. Mostra uma atitude extremamente mental, racionalista, intelectual, com fortes tendências ao desequilíbrio. Pode ser um grande teórico, excelente argumentador e orador cheio de dados e números estatísticos. A ausência dos outros três elementos o torna sem emoções aparentes, desligado da realidade material – que não lhe seduz –, vivendo no mundo de suas idéias, desvinculado de esforço prático, isolado também da espiritualidade e de seus instintos.

Esta personalidade é tão racional que se torna irracional, argumentador e sempre propõe idéias e projetos que não tem intenção e nem capacidade de levá-los adiante. É perigosamente instável e incapaz de discernir entre as inúmeras teses, antíteses, teorias e princípios, entre os quais se perde. Apaixonado pela oratória, adora discutir e defender idéias, por mais descabidas e sem propósito que sejam, somente pelo prazer da argumentação.

É incapaz de expressar emoções ou paixões, pode levantar qualquer bandeira, mas a falta de Fogo impede que sua retórica inflame o público, inclusive a ele mesmo.

### **Princesa de Espadas**



Figura 14

A Princesa é a materializadora de idéias, simbolizando o aspecto mais prático e concretizador da mente. Seu intelecto está direcionado para a solução que questões materiais. Falta-lhe inspiração e sensibilidade para que sua vida seja algo além do que as demandas triviais do cotidiano e alimentar suas ambições materiais. Porém, é uma decidida guerreira considerando sua capacidade de lutar contra todos os obstáculos que se colocam entre ela o que deseja concretizar. Essa característica belicosa tem origem na sua falta de confiança em si mesma e no mundo, contra o qual está sempre em guarda, pronta para a próxima batalha.

Desconectada de suas emoções e instintos pode vir a usar a mente de maneira mesquinha e sórdida. Pode ser dura e vingativa, sua lógica é destrutiva – rígida e agressiva. Possui grande sabedoria prática e perspicácia no que diz respeito às coisas materiais.

### **Cavaleiro de Discos**



Figura 15

Esta personalidade possui sua energia vital canalizada para a concretização material das coisas. Sem grandes sentimentalismos, nem afeição pelo mundo

intelectual, é um ser simples, sua sabedoria e equilíbrio procedem de sua integração harmoniosa com a natureza e seus ciclos. Está sempre em contato com suas sensações físicas e mensagens corporais. Pode parecer um ser rude e primitivo, no primeiro olhar, mas seu contato com a Terra alimenta seu lado feminino.

É um trabalhador nato que coloca sua energia, seu Fogo, no mais concreto e sólido. Pode ser um trabalhador compulsivo, incapaz de tomar decisões e de ter uma visão mais sistêmica, que se exige ser responsável e serviçal para conseguir a aprovação dos outros.

A pessoa representada pelo Cavaleiro de Discos tende a ser morosa, pesada e preocupada com coisas materiais. O sucesso que alcança neste domínio se deve ao instinto, à imitação da natureza. Falta-lhe iniciativa, seu Fogo é o fogo de combustão lenta. Pode se tornar rabugenta e ciumenta, de uma maneira obtusa, daquilo que compreende ser um estado superior dos outros, porém não dispõe de coragem ou iniciativa para se aprimorar.

### **Rainha de Discos**



Figura 16

A Rainha de Discos não é particularmente inteligente, nem fogosa, mas incorporando os dois elementos passivos (Água e Terra), entra em contato com suas emoções, sensações corporais e a realidade material que a rodeia. Esta Rainha é prática, sensual, carinhosa, generosa, trabalhadora, serena, sensível, protetora e amante do lar, das crianças e do seu ambiente. Possui imensas reservas de afeto, amabilidade e grandeza de coração.

Em uma situação de desequilíbrio, pode demonstrar que vive para os outros se esquecendo de si mesma. Procura ser aceita ajudando ao próximo e assim vai ficando cada vez mais vazia, frustrada e carente. Pode tender ao abuso de álcool e de drogas. É como se só pudesse concretizar sua felicidade essencial rebaixando o nível de consciência.

### Príncipe de Discos

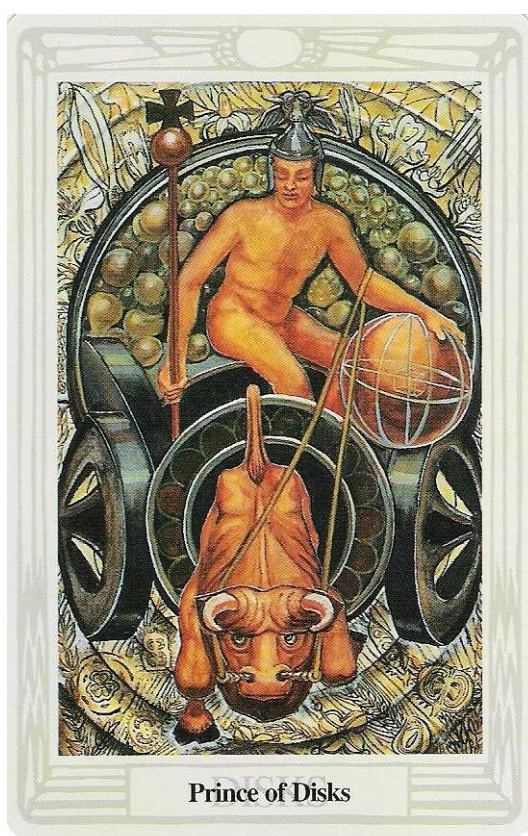


Figura 17

A mente deste Príncipe está atenta aos assuntos materiais, observa a natureza e o mercado, extrai conclusões e conceitua as leis de seu funcionamento, que as aplica de novo, objetivando maiores benefícios materiais. Se o Cavaleiro de



Discos representa um trabalhador manual, este Príncipe é o economista, o agrônomo, o administrador. Como não tem Água em sua composição, não se importa com o sentimento alheio, nem com a ética inerente ao seu trabalho. Como exemplifica Pramad (2008, p. 313) “pode ser um cruel coletor de impostos, um construtor de hidrelétricas no alto Amazonas ou dono de um banco”.

Como não possui Fogo, o Príncipe de Discos dificilmente se exalta – imperturbável –, é calculista, frio, reflexivo e geralmente competente. Pode fazer do dinheiro o objetivo principal de sua vida. Frequentemente parece estúpido e tende a ser rancoroso com as pessoas mais voltadas à espiritualidade.

### Princesa de Discos



Figura 18

A Princesa de Discos é a mais introvertida de todas as princesas (não no sentido da psicologia analítica). Sua atitude, que poderia parecer de intensa reflexão, não o é, pois em sua composição não tem Ar. Ela vive conectada com o mundo de suas sensações físicas internas. Está em profundo contato com seu corpo, sem mente, sem emoções, sem mais desejos além dos corporais.

Esta Princesa só se observa e observa o mundo, sem julgamentos, preconceitos nem análises, sem conclusões nem princípios, sem exaltar-se, aceitando-se e aceitando.

Pode representar uma pessoa ancorada na matéria, que vive unicamente para satisfazer suas necessidades materiais, identificando-se com seu corpo de um modo superficial. Pode ser hipocondríaca. Vê perigos em toda parte e foge de qualquer relação que não lhe signifique segurança, estabilidade e aspecto financeiro resolvido.

## Capítulo VI – AS FUNÇÕES PSICOLÓGICAS

“Uma pergunta desempenhou um grande papel na gênese desta obra: em que eu me distinguia de Freud? E de Adler? Que diferenças havia entre nossas concepções? Refletindo sobre isso deparei com o problema dos tipos.” – Jung (1988, p. 182) fazendo referência à motivação que o levou a pesquisar sobre características gerais da personalidade, que culminou em seu livro Tipos Psicológicos.

Jung estudou as mais variadas tentativas do homem em agrupar e classificar as personalidades até concretizar uma concepção própria. Cabe salientar que também buscou subsídios no mais antigo sistema, segundo ele mesmo afirmou (1991, p. 489) – a Astrologia do Antigo Oriente –, que se orienta pelos quatro elementos para agrupar os signos, formando, assim, quatro grupos compostos de três signos do zodíaco, a saber: o grupo do elemento Ar tem-se Aquário, Gêmeos e Libra; o do Fogo, Áries, Leão e Sagitário; o da Terra, Touro, Virgem e Capricórnio; e o grupo da Água, Câncer, Escorpião e Peixes.

Muito embora Jung tenha estudado a Astrologia e sua relação com os quatro elementos, ele não fez ou não externou, nas suas obras que foram objeto de pesquisa para este trabalho, essa relação direta com as quatro funções da consciência do modelo concebido por ele.

Apesar de não fazer parte do escopo deste trabalho, como já foi dito anteriormente, cabe menção que a concepção tipológica de Jung, além das quatro funções, contempla também duas atitudes antagônicas – introversão e extroversão. Na extroversão, a libido (ou energia psíquica) movimenta-se ou referencia-se pelo objeto. Na introversão, a libido é referenciada pelo sujeito, pelo seu mundo interior. Por serem diferenciadas, essas atitudes modificam as características gerais das funções, dependendo de qual das atitudes elas estão associadas.

As funções psicológicas são quatro maneiras de interpretar, organizar e experienciar a vida e são divididas em dois grupos ou naturezas: as racionais – pensamento e sentimento – e as irracionais – sensação e intuição. As funções racionais são as chamadas de julgamento, são as duas maneiras de avaliar e decidir; as irracionais são as de percepção, são as duas formas de receber informações sobre o mundo.

Jung vai buscar no arquétipo do quaternio – pressuposto lógico de todo o julgamento da totalidade (1988, p. 357) – embasamento para estruturar seu sistema tipológico em quatro aspectos psíquicos ou funções psicológicas: sensação, que diz que algo existe; pensamento, que diz o que é; sentimento, que lhe atribui valor; e a intuição, que traz as possibilidades.

Pode-se afirmar que **Sensação** corresponde ao conjunto das percepções de fatos concretos que vêm à consciência por meio dos cinco sentidos. Essa função informará que algo existe por si, não têm juízo de valor. As pessoas com a função principal sensação preferem se concentrar em dados concretos, vivendo o presente intensamente, como se não houvesse perspectivas de alterações no futuro. São práticas e realistas, não entram em conflito com a rotina e eventos repetitivos. Compreendem as partes que formam o todo, mas lhe falta a percepção holística. Aprendem mais com a prática do que com teorias. Mostram-se estáveis, conservadoras, rotineiras e densas em sua postura natural.

**Pensamento** é a função que dirá o que é esse algo. Atribui nome e um conceito a essa coisa que foi vivenciada. As pessoas que têm essa função como principal têm sua atenção voltada para a causalidade lógica, suas avaliações das situações são “binárias” – procurando detectar ameaças e oportunidades – buscando um padrão impessoal da realidade. Apreciam organização e lógica, embasando seu julgamento em padrões universais e coerentes, em detrimento de padrões pessoais. Em virtude dessas premissas, por vezes mostram-se frios em suas avaliações, mas, em contrapartida, conseguem abstrair-se e alcançar uma análise isenta de interferências pessoais e com significado geral. Possuem dificuldade em lidar com pessoas e com as concepções subjetivas dos outros.

**Sentimento** é a função que valora as experiências e informa se as coisas são agradáveis ou não. É uma função avaliativa e não deve ser confundida com emoção. As pessoas que preferem tomar decisões com base no sentimento referenciam-se em valores pessoais, mesmo que não guardem lógica formal e objetividade alguma.

Sempre levam em consideração o valor que algo tem para elas e estão sempre atentas aos sentimentos dos outros. São voltadas para as relações interpessoais, demonstram-se receptivas e boas em lidar com os outros. Apreciam a história e os costumes dos povos.

**Intuição** está ligada ao tempo – passado e futuro. São as possibilidades, são as inferências sobre de onde as coisas vêm e para onde poderão ir. As pessoas do tipo intuição valorizam a imaginação e a inspiração, utilizam-se da percepção global, em detrimento da compreensão analítica das partes que a compõem, tentam captar os padrões gerais que ancoram uma determinada situação. Mais criativas e inovadoras do que as do tipo sensação mostram-se inábeis em lidar com a realidade concreta de maneira prática e têm dificuldade em se adaptar à rotina de uma atividade.

Zacharias (2006, p. 63 e 65), elenca características comparativas entre as funções:

<b>Sensação</b>	<b>Intuição</b>
- é observador	- é imaginativo
- busca a estimulação dos sentidos	- busca a inspiração criativa
- é atento aos detalhes	- é atento às possibilidades e ao todo
- percebe de imediato a realidade, sacrificando a inspiração	- desloca-se facilmente para a mudança e inovação, sacrificando a realidade
- gosta dos prazeres dos sentidos	- é alheio aos prazeres dos sentidos
- é imitativo	- é criativo
- é muito influenciável pelo ambiente físico	- é pouco influenciável pelo ambiente físico
- tem dificuldade em adiar recompensas	- esquece-se de suas necessidades físicas
- é rotineiro	- é inovador
- apóia manifestações	- apóia novas e

<b>Pensamento</b>	<b>Sentimento</b>
- valoriza a lógica sobre o sentimento	- valoriza o sentimento sobre a lógica
- é impessoal, formal e prefere a justiça	- é pessoal, informal e prefere a misericórdia
- tem interesse em coisas e processos	- tem interesse em pessoas e relações sociais
- prefere dizer a verdade diretamente	- prefere dizer a verdade indiretamente
- é melhor executor que relações públicas	- é melhor relações públicas do que executor
- é questionador e crítico	- é apaziguador e crédulo
- tende a pensar que os outros estão errados	- tende a pensar que os outros estão certos
- é rápido e profissional	- é calmo e afetivo
- tem dificuldade em estabelecer amizades	- tem facilidade em estabelecer amizades
- é pouco sociável	- é muito sociável

de luxo e beleza	arrojadas idéias		
- pode ser frívolo	- pode ser alienado da realidade	- tem facilidade em lidar com a lógica	- tem facilidade em lidar com pessoas
- é bom com equipamentos e máquinas	- é bom com projetos e pesquisas	- é organizador e lógico	- é receptivo e afetivo
- é pragmático	- é teórico	- parece frio e calculista	- parece piegas e bajulador
- é estável e convencional	- é instável e arrojado	- é imparcial em seus julgamentos	- é parcial em seus julgamentos
- tem dificuldade em criar e imaginar	- tem dificuldade em realizar e concretizar	- tem maior interesse no trabalho a ser realizado	- tem maior interesse nas pessoas que trabalham

Tabela 5

No decorrer da vida, no desenvolvimento da psique, uma dessas funções vai se sobressair às demais, tornando-se a função dominante (principal ou superior) na consciência. Outra função ficará em segundo lugar em desenvolvimento, tornando-se auxiliar da função dominante. As outras duas estarão bem mais para o inconsciente do que para a consciência, principalmente aquela que fica no pólo oposto à função principal (figura 19 a seguir) – função inferior.

A função dominante desenvolve-se com a tendência natural de adaptação ao mundo, de forma que os aspectos em que o indivíduo possui mais facilidade para entender e dialogar com o mundo assumem essa posição.

Em oposição, a função inferior – aquela em que a pessoa ignora, abandona e reprime por ter investido demasiada energia em sua função superior para se adaptar as demandas do mundo –, atua como um complexo autônomo, se apresentando na consciência de maneira infantil e primitiva. Sobre a função inferior, Marie-Louise von Franz (1990, p. 106) comenta que “A quarta porta do seu quarto é o ponto por onde os anjos podem entrar; mas os demônios também podem!”

A título de exercício, pode-se afirmar que o tipo pensamento (principal) não dá muita ênfase ao seu sentimento (inferior); o tipo sensação (principal) não valoriza suas intuições (inferior); o tipo sentimento (principal) distância pensamentos (inferior) que não lhe agradam; e o intuitivo (principal) não percebe o que lhe salta aos sentidos (inferior).

A função auxiliar, embora sendo de natureza diferente da função dominante, não lhe é antagônica (como a inferior), mas complementar, disponibilizando outra perspectiva a ser considerada.

A tipologia de Jung prevê uma configuração cruciforme das funções psicológicas, conforme esquema a seguir.

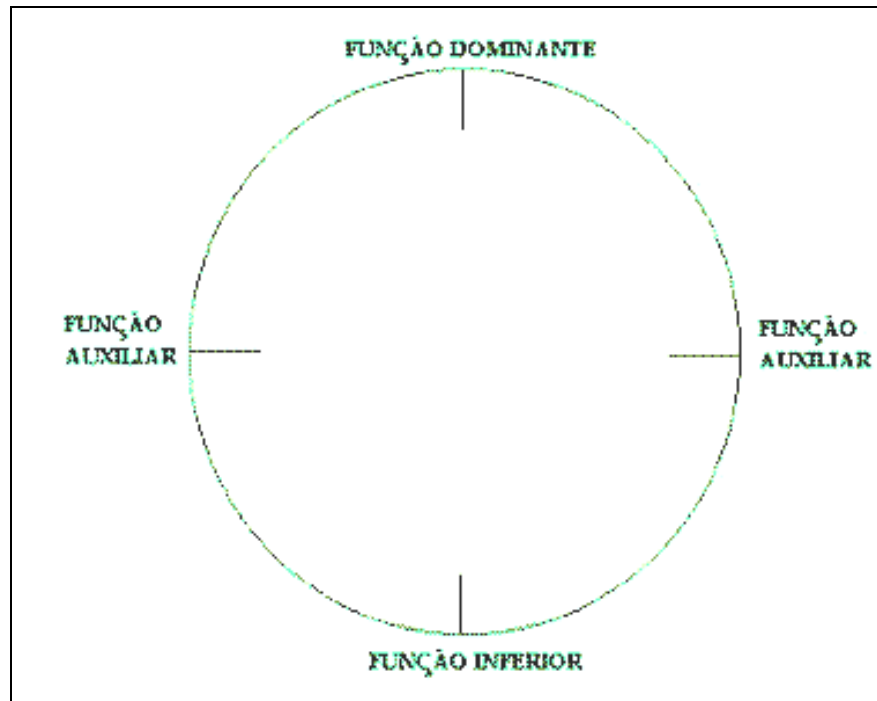


Figura 19

Nesse modelo, se uma pessoa tem como uma função dominante racional (por exemplo, pensamento), sua função inferior obrigatoriamente será racional também (no caso, sentimento). As funções auxiliares serão as irracionais – sensação e intuição. As duas funções da mesma natureza – racionais ou irracionais – sempre estarão em pólos opostos do círculo.

Além da função dominante – a que influencia mais na personalidade da pessoa –, as demais funções também carregam a consciência com suas características, considerando sempre as suas preponderâncias na psique. Dessa forma, pode-se concluir que, no contexto de tipos psicológicos, a personalidade é o resultado da combinação das quatro funções, ponderadas suas predominâncias na consciência.

Um dos testes que responde qual a tipologia da pessoa, segundo a abordagem da psicologia analítica, é o Quati (Questionário de Avaliação Tipológica).

## **Capítulo VII – APROXIMAÇÕES ENTRE AS DUAS TIPOLOGIAS**

A abordagem comparativa que se fará neste capítulo (e no próximo) deve ser analisada como exploratória e em nenhum momento pretende colocá-las lado a lado em termos de avaliação de *performance*, destacando uma das duas como sendo mais completa ou mais apropriada que a outra.

### **VII.1 – A Questão do Quatérnio e a Associação com os Elementos**

Assim como Jung foi buscar no quatérnio a base para definir e estruturar as funções psicológicas em quatro, os baralhos, em sua maioria, possuem aderência natural com esse arquétipo – quatro naipes e quatro Figuras da Corte –, detendo-se estritamente no que diz respeito a esse trabalho.

Ruby (1998, p. 30), fazendo menção a Edinger, e Zacharias (2006, p. 125) relacionam as quatro funções da consciência com os quatro elementos da natureza, ou seja, Pensamento ao elemento Ar, Sentimento à Água, Sensação à Terra e Intuição ao elemento Fogo. Outro autor (CAVALLI, 2005, p. 92 e p.109) também faz essa associação em sua obra que trata mais detidamente da psicologia alquímica.

Ruby externa essa associação da seguinte forma:

É provável que a intuição esteja relacionada ao fogo devido à forma dinâmica desse elemento se manifestar: apenas em estado de transformação constante, pois ele não existe na natureza por si só, necessita sempre transformar outros elementos para se constituir. O pensamento está relacionado ao elemento ar, pois é igualmente volúvel e intangível, mas tem características mais constantes que o fogo – ele existe mesmo em estado de não transformação, tem uma permanência mais estável que o fogo. Os outros elemen-



tos mais estáveis podem ser tocados e permanecem na natureza. Assim a água, relacionada aos sentimentos, mostra sua característica moldável e adaptável a diversas situações, mas avassaladora quando abundante e em estado de tormentas. Por fim, o elemento terra está relacionado à função sensação, provavelmente pelo fato desse elemento ter um movimento contido, de permanência, concreção e realidade terrena. (RUBY, 1998, p.30)

Esse tipo de relativização realizada por esses estudiosos junguianos abre espaço para que este trabalho faça uma associação especulativa entre as funções da consciência e as Figuras da Corte, como Cartas Testemunha no Tarô Terapêutico.

Como já foi visto, a função principal e a primeira função auxiliar são determinantes na caracterização da personalidade na abordagem da tipologia junguiana. No Método Pramad, o naipe (Natureza Interna) e a Figura da Corte (Expressão Externa), fazem essa distinção na personalidade, considerando-se que o naipe corresponde ao elemento que mais predomina na personalidade, sendo o elemento que se destaca em segundo lugar define a Figura da Corte (Cavaleiro, Rainha, Príncipe ou Princesa).

Continuando nessa linha de raciocínio e aproveitando as associações das funções com os elementos da natureza, pode-se inferir que função principal da tipologia junguiana corresponderia ao naipe da Carta Testemunha e a primeira função auxiliar corresponderia à Figura da Corte. Partindo-se dessas premissas e conservando-se as possibilidades de combinações da estrutura cruciforme da tipologia junguiana, têm-se as seguintes correspondências entre os dois métodos:

<b>Figura da Corte</b>	<b>1° Elemento</b>	<b>2° Elemento</b>	<b>Função Principal</b>	<b>Função Auxiliar</b>
Cavaleiro de Paus	Fogo	Fogo		
Rainha de Paus	Fogo	Água	Intuição	Sentimento
Príncipe de Paus	Fogo	Ar	Intuição	Pensamento
Princesa de Paus	Fogo	Terra		
Cavaleiro de Copas	Água	Fogo	Sentimento	Intuição
Rainha de Copas	Água	Água		
Príncipe Copas	Água	Ar		
Princesa de Copas	Água	Terra	Sentimento	Sensação
Cavaleiro de Espadas	Ar	Fogo	Pensamento	Intuição

Rainha de Espadas	Ar	Água		
Príncipe de Espadas	Ar	Ar		
Princesa de Espadas	Ar	Terra	Pensamento	Sensação
Cavaleiro de Discos	Terra	Fogo		
Rainha de Discos	Terra	Água	Sensação	Sentimento
Príncipe de Discos	Terra	Ar	Sensação	Pensamento
Princesa de Discos	Terra	Terra		

Tabela 6

As células em branco constantes das duas últimas colunas explicitam a impossibilidade de uma analogia total e irrestrita entre as duas concepções e serão objetos de comentário no próximo capítulo.

## VII.2 – Similaridades

As Figuras da Corte sempre contêm em sua composição a predominância de dois elementos. As funções da consciência também podem ser relacionadas aos elementos da natureza. Esse aspecto – a relação com os elementos da natureza – permite que os dois métodos sejam passíveis de análise, colocando-os em paralelo em alguns aspectos. Determinadas Cartas Testemunha podem carregar em sua composição características de pessoas com o tipo psicológico que contenha a mesma preponderância dos elementos da Figura da Corte.

O Príncipe de Paus, como uma pessoa que possui as funções intuição e pensamento em destaque, tem como características o entusiasmo, a atração por estar envolvidos em projetos (não necessariamente para colocá-los em prática), é incansável – por vezes, esquece seus limites físicos –, é criativo e não dá importância a valores sentimentais.

O Cavaleiro de Espadas, como uma pessoa que possui as funções pensamento e intuição diferenciadas, é dura e inflexível, de rápida decisão, precisa aprender a considerar os sentimentos e, se absorvida por uma atividade ou idéia, esquece o mundo que a cerca.

A Princesa de Espadas, como uma pessoa que tem as funções pensamento e sensação predominantes, é materializadora das idéias, prática, passa por cima de valores sentimentais e pode se tornar oportunista.

A Rainha de Discos, como uma personalidade que contém as funções sensação e sentimento em evidência, é hábil no manejo com as pessoas, prática, trabalha com afinco, é bondosa, interessada nas outras pessoas.

Já o Príncipe de Discos, com a predominância das funções sensação e pensamento, é uma pessoa que privilegia a lógica e a prática, pode facilmente exercer cargos executivos, porém pode se tornar dominador.

Robert A. Johnson (1997, p. 53) explica o simbolismo da espada como sendo “o intelecto discriminador, que divide e analisa. Em sentido figurado, ela “corta” em pedaços os problemas e as idéias para compreendê-los; é a faculdade lógica, crítica da mente”. Essa abordagem sobre o pensamento é consensual entre as duas tipologias, isto justifica o porquê das cinco figuras que foram trazidas como tendo similaridades nas duas concepções tipológicas, quatro possuem o elemento ar (pensamento) na sua composição.

## **Capítulo VIII – DISTANCIAMENTOS ENTRE AS DUAS TIPOLOGIAS**

Em alguns aspectos as duas tipologias se distanciam tornando-as de difícil correlação. Na tipologia junguiana, as quatro funções – ou elementos, já que foram destacadas suas associações – compõem a personalidade e os testes, que aferem a participação de cada uma, evidenciam a existência de duas funções diferenciadas das demais (as que mais ocupam a consciência). As duas que não estão em evidência na consciência, com ênfase para a quarta função – a função inferior – é digna de relevância na tipologia junguiana, visto que pelas suas peculiaridades de manifestação arcaica e infantil também caracteriza a personalidade do indivíduo. Ela está invariavelmente reprimida, mas não “sepultada” e, quando menos se espera, ela invade a consciência sem regras ou código de conduta.

No Tarô Terapêutico, quando da escolha da Figura da Corte que corresponde à Carta Testemunha do consulente, são considerados os dois elementos que preponderam no mapa astrológico natal do consulente. Os outros dois elementos que estão em menor destaque na personalidade são ignorados na caracterização das Figuras da Corte. Na prática do Tarô, esta situação é de difícil acontecimento, pois quase sempre o consulente possui alguma – mesmo que pouca – participação dos quatro elementos na personalidade.

Na tipologia junguiana, a concepção da função sentimento assume um atributo valorativo – que diz que algo é bom ou não. O próprio Jung (2004, p.20) foi alvo de vários questionamentos na primeira das cinco conferências realizadas em Londres em 1935 que tiveram o intuito de esclarecer a abordagem que estava sendo explicitada por ele. Foi difícil para alguns dos ouvintes concordarem com o raciocínio do Jung quando este fazia a distinção entre o sentimento e a emoção. Talvez a utilização da palavra sentimento para algo tido como racional (abordagem de Jung)

tenha se tornado desconfortável para quem concebia como sendo axiomática a relação entre sentimento e emoção.

No Método Pramad, as cartas de Copas e as Rainhas assumem características muito mais voltadas para a emoção e afeto do que o sentimento na concepção junguiana. Embora a relação com o elemento Água esteja presente – tanto nas cartas de Copas e as Rainhas, quanto na função sentimento – essa diferença de abordagem na essência distancia as duas tipologias.

Essa distinção também acontece quanto à abordagem do elemento Fogo – função intuição na tipologia junguiana e as cartas da Corte de Paus e os Cavaleiros no Tarô Terapêutico. No método Pramad, o elemento Fogo está muito mais ligado a instintividade e a impulsividade do que à abordagem conceitual dada por Jung à função intuição. Essa diferença de concepção não possibilita a aproximação das características das Figuras de Paus e os Cavaleiros do conceito junguiano dado para a função intuição.

Outro aspecto que diferencia as abordagens é o modelo cruciforme da tipologia junguiana a qual não permite, por premissa, que duas funções da mesma natureza, preponderem na personalidade do indivíduo. Ou seja, o indivíduo não pode possuir, a título de exemplo, o pensamento (Ar) como função principal e o sentimento (Água) como auxiliar. Estas duas funções obrigatoriamente estarão em lados opostos da cruz (vide figura 19).

No Tarô Terapêutico, várias Figuras da Corte possuem esse tipo de composição. Por exemplo, a Rainha de Espadas, dando seguimento à analogia acima, possui a Natureza Interna (função principal) com base no elemento Ar (pensamento) e a Expressão Externa (função auxiliar) ancorada no elemento Água (sentimento). Esse tipo de estruturação é inconcebível na tipologia junguiana.

Outra distinção entre os modelos tipológicos é o fato de que no Tarô Terapêutico é permitida a possibilidade de existirem figuras com a Natureza Interna e Expressão Externa tendo como predominância o mesmo elemento, isto é, duas vezes Fogo, como é o caso do Cavaleiro de Paus; ou duas vezes Água, que configura a Rainha de Copas; duas vezes Ar, o Príncipe de Espadas; duas vezes Terra, a Princesa de Discos. O máximo que se poderia dizer dessas personalidades na abordagem junguiana, forçando uma analogia, é que estariam unilateralizadas em uma das quatro funções.

Os dois últimos parágrafos anteriores explicam a existência das células em branco constantes da Tabela 6.

## CONCLUSÃO

É impressionante como o número quatro ou arquétipo do quatérnio traz luz para as duas teorias sobre a tipologia – a junguiana e a do Tarô Terapêutico. Jung em vários momentos de sua obra ressalta a relação da teoria dos tipos com o arquétipo da quaternidade. Já Pramad não explorou essa relação de uma forma direta, porém, após este estudo, ficou evidente para este autor o quanto esse conteúdo que navega nos mares do inconsciente coletivo influenciou a forma como ele estruturou sua teoria sobre os tipos de personalidade – quatro Figuras da Corte, quatro naipes e a relação com os quatro elementos da natureza.

A ligação especulativa das funções psicológicas com os quatro elementos realizada por estudiosos da teoria junguiana, assim como tal correlação está contida no Método Pramad, estimulou a curiosidade sobre possíveis intersecções entre as teorias. Tendo como premissa que as abordagens buscaram inspiração no mesmo arquétipo e, ainda, puderam ser relacionadas com os elementos da natureza, por que as teorias não se afinam completamente?

Para tentar responder a essa questão, cabe fazer alguns comentários, sem a pretensão de esgotar as hipóteses. A primeira é que o que está embasando as duas teorias é uma forma arquetípica – um dado objetivo – porém, que o homem não tem acesso a toda sua amplitude. O arquétipo é inacessível. Só se tem acesso à imagem do arquétipo, não a todo o seu conteúdo.

A segunda consideração é que a aproximação à imagem arquetípica é invariavelmente subjetiva, isto é, cada um capta do arquétipo aquilo que lhe é permitido pela sua “lupa psíquica”, cujas lentes são influenciadas pelas suas sombras, complexos, *anima*, *animus*, *persona* etc.

Desse modo, pode-se afirmar que Jung e Pramad tiveram acesso à imagem de um arquétipo, porém cada um com sua “lupa psíquica”, cada um a sua maneira,

cada um olhando sobre um prisma diferente e, em alguns momentos, sobre um enfoque parecido – é quando as teorias se aproximam e quase se tocam.

Enfim, embora existam situações de convergência entre as teorias, não se pode ter a pretensão redutiva de eleger (ou descartar) A ou B, até porque elas têm como objeto de análise o ser humano cujas características, mesmo que gerais, são potencialmente infinitas (assim como os arquétipos). São abordagens explicitamente diferentes, que em alguns momentos se aproximam, mas não se pode nem correr o risco de afirmar que são opostas, nem complementares. Apenas formas diferentes de perceber, sentir, pensar e intuir.



## REFERÊNCIAS

BANZHAF, Hajo; THELER, Brigitte. *Tarô de Crowley*. Palavras-chave. São Paulo: Madras, 2006.

CAVALLI, Dr. Thom F. *Psicologia Alquímica*. Receitas antigas para viver num mundo novo. São Paulo: Cultrix, 2005.

CROWLEY, Aleister. *O Livro de Thoth*. O Tarot. São Paulo: Madras, 2000.

FRANZ, Marie-Louise von; HILLMAN, James. *A Tipologia de Jung*. São Paulo: Cultrix, 2000.

GODO, Carlos. *O Tarô de Marselha*. São Paulo: Pensamento, 1990.

HEYSS, Johann. *O Tarô de Thoth*. Um guia para consultar o oráculo de Aleister Crowley. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Era, 2006.

JOHNSON, Robert A. *We*. A Chave da Psicologia do Amor Romântico. São Paulo: Mercuryo, 1997.

JUNG, C. G. *Memórias Sonhos Reflexões*. 10. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

\_\_\_\_\_ *Tipos Psicológicos*. Petrópolis: Vozes, 1991.

\_\_\_\_\_ *Fundamentos de Psicologia Analítica*. Petrópolis: Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_ *Sincronicidade*. Um princípio de Conexões Acausais. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

\_\_\_\_\_ *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. Petrópolis: Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_ *Psicologia e Alquimia*. Petrópolis: Vozes, 2007.

NICHOLS, Sallie. *Jung e o Tarô*. Uma jornada arquetípica. São Paulo: Cultrix, 1991.

PRAMAD, Veet. *Curso de Tarô*. E seu uso Terapêutico. São Paulo: Madras, 2004.

\_\_\_\_\_ *Curso de Tarô. E seu uso Terapêutico.* São Paulo: Madras, 2008.

PROGOFF, Ira. *Jung, Sincronicidade e Destino Humano.* A Teoria da Coincidência Significativa de C. G. Jung. São Paulo: Cultrix, 1995.

RUBY, Paulo. *As Faces do Humano.* Estudos de Tipologia Junguiana e Psicossomática. São Paulo: Oficina de Textos: 1998.

ZACHARIAS, José Jorge de Moraes. *Tipos.* A diversidade humana. São Paulo: Vetor, 2006.